

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Antonio de Trueba
Contos Escolhidos



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Antonio de Trueba

Contos Escolhidos

Tradução
F. de Castro Monteiro

Atualização ortográfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1872.

**Antonio María de Trueba y de la Quintana
(1819 – 1889)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 396



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor espanhol Antonio de Trueba: “*Canções*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

RESUMO BIOGRÁFICO

Filho de camponeses pobres nasceu Antonio de Trueba em Galdames, Espanha, no dia 24 de dezembro de 1819. Faleceu em Bilbao, em 10 de março de 1889.

Ainda na infância teve que abandonar a escola para trabalhar na mineração e na terra. Aos 15 anos, em 1834, seguiu para Madrid, onde passou a trabalhar na ferramentaria do seu tio, quando embrenhou-se na leitura dos românticos espanhóis, como um dedicado autodidata.

Em 1845 passa a trabalhar na prefeitura de Madrid, dedicando-se, por ter mais tempo livre, às suas atividades literárias. Em 1851 publica o que seria seu primeiro livro, *El libro de los cantares*, com o qual alcançou grande popularidade e que lhe rendeu participações em vários periódicos, tais como: *La Correspondencia de España*, *Museo Universal*, *Correo de la Moda*, *La Ilustración Española y Americana* etc.

Sua obra está composta de poemas, contos e romances, dos quais destacam-se: (na Poesia): *El libro de los cantares* (1852), *El libro de las montañas* (1867); (no Romance): *El Cid Campeador* (1851), *Las hijas del Cid* (1859), *La paloma y los halcones* (1865), *El gabán y la chaqueta* (1872); (no Conto): *Cuentos populares* (1853), *Cuentos de color de rosa* (1859), *Cuentos campesinos* (1860), *Capítulos de un libro, sentidos y pensados viajando por las Provincias Vascongadas* (1864), *Cuentos de varios colores* (1866), *Cuentos del hogar* (1876), *Cuentos de madres e hijos* (1878), *El molinerillo* (1871), *Cuentos de vivos y muertos* (1909), entre outros.

ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	1
INTRODUÇÃO.....	9
NOSTALGIA.....	17
O MADEIRO DA FORÇA.....	45
A NECESSIDADE.....	50
A PORTARIA DO CÉU.....	54
O PRESTE JOÃO DAS ÍNDIAS.....	65

AO SEU PREZADO AMIGO
I. DE VILHENA BARBOSA,
SÓCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS

Como testemunho de gratidão

Oferece

O tradutor

Meu querido Vilhena Barbosa.

A grata recordação das lições que de ti recebi, quando no meu espírito começava a desenvolver-se o gosto pelo estudo da literatura; os salutares conselhos, que me dispensaste, nos primeiros anos da minha adolescência, apontando-me a escolha dos autores, que deveriam formar o meu estilo, e robustecer as minhas tendências literárias; aquelas nossas conversas, de tamanho interesse para mim, em que as luzes do teu ilustrado entendimento tentavam dissipar as trevas da minha ignorância, conversas que, pouco a pouco, e no decurso de alguns anos de convivência íntima, iam subindo de alcance, à medida que, pelo estudo, eu me habilitava a compreender-te e a discutir contigo, seriam já, de per si, sobejo motivo para que eu te dedicasse este livrinho, se não houvesse ainda razões de entranhadíssimo afeto, razões todas do coração, e completamente alheias à cultura das letras, que a isso me obrigam, com força de irresistível encanto.

A minha vida está, desde os mais verdes anos, ligada, por laços indissolúveis, a essa dedicação ilimitada que sempre me votaste.

Era eu bem criança, e já tu me franqueavas os arcanos da tua vasta erudição. Não sei que confiança era a tua na mediocridade da minha esfera intelectual. Eram horas esquecidas de instrutiva palestra, em que a história pátria, a filosofia da história, as ciências naturais, e a literatura constituíam um tema variado, que me deleitava e instruía, animando-me a procurar nos livros cabedal de conhecimentos com que pudesse corresponder ao teu paternal intento de me tornar útil a mim e à sociedade.

Oh! que saudosos tempos, de feliz memória, são esses para mim!

Quando nos separávamos, continuavas tu, de longe, a indicar-me os bons modelos, e a apontar-me um futuro, que a tua cega amizade antevia para mim, mas que, *erat scriptum*, eu não deveria atingir.

Nunca me abandonaste; e, se foi baldado o teu intento, ao menos da constância do teu afeto tiro eu motivo de muito orgulho, e isso basta para me consolar.

Nos primeiros meses de 1860, época de terrível amargura para o meu coração, revelou-se a tua amizade por mim pela prova mais grandiosa, que pode aquilatar os sentimentos d'alma.

Em dezembro, tinha eu vindo de Coimbra ao Porto, a férias. Entrava em casa com aquele alvoroço, que tu por vezes presenciaste, e que sempre me dominava, ao acercar-me de meus pais e de minha irmã. Minha mãe chorava de alegria, cingindo-me num amoroso e prolongado abraço, e eu correspondia ao seu carinho com todo o afeto, que me inundava o coração. Sabes como eu a

amava. Por mais de uma vez te achaste ao nosso lado, no momento de nos separarmos.

Eram os transportes de duas almas enamoradas, em presença da amarga e tirânica necessidade da ausência.

Assim também, quando as férias se avizinhavam, contávamos ambos as horas e até os instantes, que faltavam para a nossa aproximação, com frenética impaciência.

Nessas emoções encontradas, por entre riso e lágrimas, se deslizaram os primeiros anos da minha mocidade.

Punge-me recordar esse tempo de tão acerba saudade; enluta-se-me a alma, quando se me retrata na mente a imagem de minha piedosa mãe; e a ti sei eu que há de ofender-te a notável modéstia, que é um dos ornamentos do teu nobre caráter, este público testemunho, que te ofereço, da minha gratidão.

Mas ainda que o coração se me despedace ao escrever estas linhas, e a despeito da contrariedade, que possa levantar no teu espírito, prosseguirei no meu intento.

Tem paciência, e ouve o que talvez a tua consciência nunca te mostrasse em relevo, por causa desse sentimento elevadíssimo, que esconde aos olhos do homem a nobreza das suas próprias ações.

Poucos dias depois da minha chegada ao Porto, adoeceu minha mãe; e com tal violência se apresentou a moléstia, que foram infrutíferos todos os esforços, que a medicina fez para a salvar.

A 22 de Janeiro voou aquela alma angélica, a abrigar-se no seio de Deus.

Passarei um véu por sobre o abismo de insondável martírio, em que esse angustiosíssimo lance me sepultou!

Decorrido um mês, lembrou-me meu pai a necessidade de voltar para Coimbra.

Acordei então do letargo em que caíra, depois do fatal acontecimento; compreendi quanto havia de justo e paternal naquela indicação, e parti.

Quando me encerrei no meu quarto escolástico, e que meditei na transformação, que, em tão breve lapso de tempo, se operara na minha vida moral, senti-me sucumbir; arrastei-me para junto da janela, que olhava para o Mondego, e alongando a vista por aquele formoso quadro, tão poético e tão

melancólico, deixei-me dominar completamente pela veemência da saudade, que me oprimia, e assim permaneci por espaço de muitas horas.

Nos dias que se seguiram, foi sempre calando, mais e mais, no meu coração, aquela profunda tristeza, que nada podia dissipar.

Os meus companheiros de casa, moços distintíssimos, os quais ainda hoje amo como irmãos, envidavam todos os seus recursos para me fazer sair daquele estado de depressão de espírito, que me senhoreava; mas nada podiam conseguir.

Por espaço de muitos dias, quando chegava o correio, erguia-me de súbito, maquinalmente, para correr ao seu encontro; mas logo, lembrando-me que já não existia aquela santa, que diariamente me confortava e fortalecia o espírito, com o bálsamo salutar do seu carinhoso afeto, caía novamente na minha tristeza habitual.

Tão dolorosa e renitente enfermidade moral, não podia deixar de transmitir-se ao corpo.

Adoeci.

Os progressos da doença foram rápidos e assustadores!

Eu delirava, e no meu delírio, evocava o nome de minha mãe.

A ciência deu à moléstia um nome; mas o meu coração dava-lhe outro.

Os médicos chamavam-lhe pneumonia... mas eu chamava-lhe *Saudade!*

Todos os meus companheiros, à porfia, se esforçavam por me provar a sua amizade. Deles porém havia um, a quem todos respeitávamos, que logo se colocou à cabeceira do meu leito, servindo-me regularmente de enfermeiro.

Não referirei aqui o seu nome por lhe não ferir a modéstia, que a tem, em tão subido grau como tu, e a qual eu não ousa devassar.

Recordo-me dele com muita saudade e muito reconhecimento.

E nunca mais nos encontramos!

Uma noite acordei e vi um vulto ajoelhado junto do meu leito; sobressaltou-me, porque me parecia um padre! Era ele, vestido de batina, e que rezava no seu livro de orações!

Ergueu-se rapidamente e disfarçou para me não assustar.

Eu dissimulei; fingi que o não vira, e nunca lhe falei desta cena edificante, que há de sempre permanecer gravada no meu coração.

Este livro deve chegar um dia às mãos desse nobre mancebo, de quem o destino me separou; que ele se recorde de mim com saudade, ao ler estas palavras, e veja nelas a expressão do muito reconhecimento, que também lhe consagro.

A moléstia agravara-se, e ao terceiro dia, apresentava-se temerosa!

Eu sentia-me isolado, à míngua do conforto da família; mas proibira expressamente, que avisassem meu extremoso pai da gravidade da minha situação.

Este, ignorando a verdade, e presa de muitos trabalhos domésticos, não foi ter comigo a Coimbra; mas escreveu-te para Lisboa, avisando-te de que eu me achava enfermo.

No dia em que recebeste a sua carta, dirigiste-te a um dos meus companheiros de casa, e este falou-te com franqueza.

Isto soube-o eu mais tarde.

Vinte e quatro horas depois de teres lido a resposta, a que aludo, despertava eu de um sono angustioso, e vi-te ao meu lado.

Quis erguer-me e lançar-me nos teus braços, mas não pude.

Fizeste por me serenar o espírito, sobre-excitado pela tua presença ali, e começaste a dispensar-me os tesouros do teu acrisolado afeto.

A moléstia teve-me balouçado entre a vida e a morte; e por fim, graças à bondade do Altíssimo, que me julgou talvez novo para deixar o mundo, e que me proporcionou os desvelos do teu carinho, começou a declinar.

Foi longa a convalescença.

Quando, no decurso dela, eu me conservava ainda de cama, tu, sentado à minha cabeceira, lias alto para me distrair, ou divagavas sobre aqueles assuntos, que sabias me eram mais gratos.

Ministravas-me cuidadosamente os remédios e as comidas, temperadas pela tua própria mão, e informavas diariamente a minha família das progressivas melhoras, que eu experimentava.

Afinal, ergui-me da cama, e, poucos dias depois, comecei a dar alguns passeios, pelo teu braço.

Ficava a minha casa próxima ao Jardim botânico, e era para aí que sempre nos dirigíamos.

Estávamos então entrados na primavera, essa estação encantadora, em que o coração se retempera no ar embalsamado que nos rodeia; essa *gioventù del ano*, como lhe chama o poeta, em que toda a natureza nos sorri, com inefável magia.

Eu sentia-me *renascer*; parecia-me participar da qualidade dos arbustos e das plantas, que nos cercavam; corria-me nas veias uma nova seiva, e impressionava-me em extremo o grandioso espetáculo, que se oferecia a meus olhos.

Depois de darmos algumas voltas por aquelas frondosas avenidas, sentávamo-nos num banco do jardim, e um ao outro comunicávamos as impressões, que recebíamos daquele panorama encantador das “saudosas margens do Mondego”, que dali se observa em todo o esplendor da sua beleza.

Depois, quando o sol, declinando, nos aconselhava a regressar a casa, levantávamo-nos e deixávamos vagarosamente aquela mansão deliciosa.

Os extremos da tua amizade tinham-me furtado talvez a uma prematura morte, mas não lograram desanuviar-me o coração da magoa, que o sufocava.

Deixava-me por vezes dominar de profunda tristeza, e assim me conservava por largas horas, alheado completamente do mundo exterior, e só entregue a amargas cogitações.

Um dia entraste no meu quarto, e disseste-me que era preciso sair de Coimbra; que tinhas conversado largamente com o médico, e que este fora de parecer de que a distração era o único remédio que podia completar o meu restabelecimento.

Sobressaltou-me a lembrança de que teria de me separar logo de ti.

Era uma injustiça que fazia à devoção do teu afeto; mas confesso-te que não supunha que tu levasses a tua generosa dedicação por mim, até entrares comigo na casa paterna.

Sabia que a ausência de Lisboa era em extremo prejudicial aos teus interesses, e por isso imaginava que tu darias por terminada a tua caridosa missão, com a minha partida para o Porto.

Quanto me enganava!

Eu estava ainda muito falto de forças e mal podia entender nos aprestos da viagem; tu porém a tudo proveste com paternal cuidado.

Afinal, por uma aprazível manhã, saímos de Coimbra.

Alugáramos uma carruagem, a melhor que se pôde encontrar, e por essa bela estrada, que o mau fado da nossa administração pública, devia, poucos anos depois, tornar quase deserta, admirando o formosíssimo país que ela atravessa, formosíssimo pela luxuriante vegetação que o cobre, e pela extensão dos seus variadíssimos panoramas, seguimos agradavelmente até à primeira paragem, onde devíamos pernoitar.

Se bem me recordo era a estalagem de Albergaria, esse covil imundo, da qual ainda hoje me não lembro, que não sinto logo pelo corpo, um certo pruído, que me excita horrorosamente os nervos.

No dia imediato continuamos a nossa jornada, mas não com tanta felicidade como na véspera.

Levantara-se muito vento, e parece-me que te estou vendo, meu bom Ignácio, receoso de que o frio prejudicasse o regular andamento da minha convalescença, repartindo-me em mil cuidados, para me pôr a salvo de uma recaída!

E agora me lembra um episódio dessa saudosa jornada, que tem relação com o que levo dito, e que é mais um atestado do conforto e da comodidade das tais locandas da antiga estrada coimbrã.

Quando chegamos a S. João da Madeira, saímos da carruagem, e entramos na hospedaria, para jantar.

Depois que demos as nossas ordens, na cozinha, subimos para a sala, onde devíamos esperar que nos servissem; mas era tal a *ventania*, que entrava pelos buracos dos vidros, e pelas fendas do telhado, que, não querendo voltar logo para a carruagem, de que já estávamos fartos, tomamos o partido de nos sentarmos a um canto, e abrir os chapéus de sol, a ver se deste modo podíamos afrontar a intempérie.

Pouco tempo porém estivemos nessa posição caricata; afinal entendemos que o mais acertado era jantarmos dentro da carruagem, e assim o fizemos.

Ainda hoje me rio, quando me acode à ideia essa cena de comédia, que acabo de descrever.

Daí por algumas horas chegávamos aos Carvalhos, onde nos esperavam, meu pai e minha irmã, e todos juntos seguimos para o Porto.

Com a viagem, que descrevi com leves traços, termina esse episódio da nossa vida, em que se patenteia bem a elevação do teu carácter, e a dedicação que te devo; mil anos que eu vivesse, nunca esta página da minha mocidade, se me apagara da memória.

Sei, e já o disse no princípio desta carta, que vou ofender a tua modéstia, tornando público esse exemplo que deste da nobreza dos teus sentimentos.

Não importa. És tu geralmente apreciado como homem de letras, quero que todos te apreciem também como homem de coração; — como exemplo do amigo dedicado.

Porto, 12 de janeiro de 1872

F. DE CASTRO MONTEIRO

INTRODUÇÃO

I

As letras e as artes têm muitos pontos de afinidade. Ambas filhas prediletas da civilização; caminhando a par na via dos progressos humanitários; auxiliando-se e concorrendo mutuamente para o seu comum desenvolvimento e esplendor; cabendo-lhes igual quinhão de glória nos aperfeiçoamentos, grandeza e prosperidade de qualquer nação; tem idêntico valor e significação para se aquilatar por elas a cultura de um povo; e, finalmente, ambas são um como espelho em que a humanidade se retrata, tal qual é, segundo as épocas da sua história.

Nas artes é, principalmente, a arquitetura, pelas intimas relações que tem com a sociedade, a que resume em si, com maior exatidão, as idéias, as crenças, as aspirações, as necessidades, em fim, a vida moral e física dos povos.

Nas letras o romance, a meu ver, como nas artes a arquitetura, é qual lamina em que se espelham, com fidelidade, os pensamentos, a índole e os costumes da sociedade para a qual foram escritos.

Na traça mesquinha ou grandiosa de um monumento; nas suas formas acanhadas ou esbeltas; na ornamentação pesada e mal disposta, ou ligeira e graciosamente distribuída; na escultura dos ornatos grosseiros e sem significação ideal, ou delicados e expressivamente simbólicos, escreveu o arquiteto, sem atentar em tal, uma página da história dos seus contemporâneos, eloquentíssima na sua mudez, e cheia de verdade, porque a mão do seu autor era dirigida, não por paixões ou respeitos humanos, mas unicamente pelo amor da arte. E julgando o artista que a movia em cega obediência aos preceitos da mesma arte, a sua destra seguia também os impulsos da sua imaginação, que não podia eximir-se à despótica influência das idéias e costumes dominantes; e além disso, no desempenho da sua missão, tinha de satisfazer as exigências e necessidades públicas, que são sempre determinadas pelo movimento intelectual e pela sucessiva modificação dos costumes.

O romancista quer que o seu livro corra mundo, e seja lido com prazer. Para alcançar este *desideratum*, procura deleitar, e para este fim tem de vazar a sua obra nos moldes do gosto público; isto é, tem de acomodá-la às idéias e costumes em voga nessa época. E ainda que consideremos o escritor, pegando da pena, sem que o mova o interesse pecuniário, forçosamente há de escrever sob a mesma poderosa influência das idéias e costumes públicos.

II

Quando as cruzadas, minando pela base o feudalismo, criaram o espírito cavaleiroso, que, envolta com o sentimento religioso, foi adoçando pouco a pouco a fereza da idade média, e, ao mesmo tempo, abrindo a porta à ilustração do século, surgiu o romance, como guarda avançada das letras; cruzada não menos santa, preparada no remanso do gabinete pelos primeiros cronistas, anunciada e apregoada pelos antigos trovadores.

O romance mostrou-se desde logo o retrato fiel da sociedade, em todas as fases da sua vida moral e física.

Pois que nessas eras se manifestavam e expandiam o sentimento religioso em guerras contra os infiéis, e o do prazer em justas, torneios e caçadas, ou em saraus, onde os trovadores cantavam, ao som do alaúde, amores e guerras; pois que a justiça humana chamava amiudadas vezes os delinquentes ao campo dos combates judiciários; pois que as moradas da nobreza eram castelos, cercados de fossos, e erçados de ameias; as espadas, as lanças e as armaduras os melhores ornamentos das suas salas; a montaria, a diversão predileta das ilustres castelãs; o romance, reproduzindo todas estas feições sociais, tomou a forma de novelas de cavalaria. Amores e guerras constituíam, portanto, o assunto obrigado dessas composições. A honra, o valor, a coragem, a dedicação desinteressada, a fé e a esperança estreitamente unidas, todos estes dotes de um perfeito cavaleiro, todas estas idéias, que então ocupavam os espíritos quase exclusivamente, até dos que não possuíam tão nobres qualidades, sobressaíam e brilhavam com tanto fulgor nas páginas dessas novelas, como as estrelas que cintilam no manto negro da noite.

III

Em quanto as cruzadas, atraindo a um campo comum as diferentes nações da Europa, e pondo em contato o Ocidente com o Oriente, faziam raiar a aurora de uma nova civilização, travavam encarniçada luta a realeza e o feudalismo. Aquela, socorrendo-se ao princípio popular, acabou por triunfar do seu poderoso adversário. Porém, durante a pugna, o poder real teve de arcar com o poder teocrático, o qual, a seu turno, alcançara vitória sobre a própria realeza.

A influência dos pontífices no regime dos estados, que tão benévola e providencial se ostentou, em quanto serviu de medianeira entre os oprimidos e os opressores, estendendo sobre os mais fracos a égide do poder espiritual, veio

a tornar-se opressiva e intolerável, desde que, abusando da sua intervenção nos negócios temporais das nações, converteu em tirania aquela missão paternal.

A supremacia dos papas, atuando na política dos governos e nas idéias e costumes populares, imprimiu uma grande modificação no viver da sociedade. Essa modificação não tardou a estampar-se no romance, despojando-o dos esplendores e galanteria, com que até ali se ataviara, e fazendo-lhe vestir a roupagem, modesta e singela, mas não falta de poesia, das lendas religiosas, que lá foram aninhar-se nas crônicas monásticas, parecendo fugir às impurezas do século.

A fé viva, sujeitando a razão além do dogma; a esperança vivíssima em uma eternidade de glória e de suprema ventura na outra vida, como recompensa do refreamento das paixões e das abstinências, e como compensação das grandes dores; o curso geral das cogitações e controvérsias dos sábios para as matérias teológicas; as diversões populares restringindo-se, quase exclusivamente, às procissões, nas quais eram admitidas danças, e toda a sorte de exhibições fantásticas e burlescas, aos arraiais e outras festividades religiosas, e, finalmente, aos autos sacros, que constituíam o teatro na infância, depois do seu renascimento; as provas do fogo, do ferro em brasa, e da água fervente, denominadas *juízo de Deus*, aceites nos tribunais de justiça como testemunhos irrecusáveis da inocência ou da culpabilidade: todo este pensar e este viver refletiam-se nas lendas religiosas com a mesma exatidão e vigor, com que o sol reflete na superfície das águas a sua fronte luminosa.

IV

Não é meu intento traçar a história deste ramo de literatura. Direi, todavia, que daquele modo continuou o romance, em todos os tempos, e sob todas as formas, a reproduzir em si, com mais ou menos naturalidade e viveza de cores, as mudanças que se vão operando nas idéias e nos costumes.

Destarte se revestiu das formas clássicas, quando, sob a influência dos sábios e dos artistas, foragidos de Constantinopla, ao desmoronar do Império do Oriente, se operou nas letras, nas artes, e no próprio viver da sociedade, a grande revolução denominada *renascença*, a qual foi inspirar-se nas obras grandiosas da antiga Grécia.

Do mesmo modo assumiu o romance a gravidade filosófica, quando Voltaire, Rousseau, e outros grandes pensadores do século passado, proclamando verdades, que faziam estremecer em seus tronos os monarcas despóticos, convidavam os estadistas a meditem nos problemas sociais, cuja semente

assim lançavam à terra; e excitavam os povos a refletir na significação e importância dos direitos do homem.

Assim o romance se tornou histórico, logo que a sociedade, sentindo o mal estar de uma organização que os progressos da civilização iam fazendo caducar, recorria ao passado, como que procurando nos arquivos da história o elixir para se rejuvenescer; isto é, estudando nas antigas sociedades as formas governativas, que mais lhe quadrariam sob a revolução que se preparava.

Quando, em nossos dias, a aplicação do vapor à locomoção e às máquinas industriais, bem como a telegrafia elétrica, pondo em fácil e rápida comunicação todos os povos do globo, estabeleceram novas condições de existência social, que hão de operar forçosamente, em maior ou menor espaço de tempo, uma transformação completa, não só no modo de viver, mas também na organização da sociedade; quando a atenção dos homens pensadores começava a fixar-se na grande revolução prevista, e a meditar nos difíceis problemas que ela em breve deveria oferecer à resolução dos filósofos e dos estadistas; quando a atenção geral dos povos, desapegada das tradições do passado, se absorvia inteiramente na contemplação do presente, admirando as maravilhas do progresso, ansiando saciar-se dos gozos, que ele gera com mão fecunda e pródiga, o romance, deixando também em repouso os arquivos da história, começou a inspirar-se nas cenas da vida atual. E ao passo que retratava a sociedade, dando colorido e relevo a cada uma das suas feições, lançava à arena da discussão as novas e grandes questões sociais.

Porém, partindo do mesmo ponto, movidos por igual impulso, os romancistas contemporâneos, que se dedicaram a descrever os costumes e práticas da atualidade, dividiram-se em duas turmas, seguindo caminho diferente. Uns, impelidos por uma idéia elevada e generosa, pintaram com cores negras, mas verdadeiras, todas as angústias e misérias da sociedade moderna, estudando-lhes as causas, apontando os perigos futuros, fazendo avultar os defeitos e deficiências das instituições; chamando, em fim, a solicitude dos poderes públicos para o horrível cancro, que vai corroendo o corpo social. à frente destes ilustrados romancistas colocara-se Eugênio Sue.

Infelizmente, muitos discípulos desta escola, esquecendo ou desprezando os intuitos filosóficos do mestre, trataram somente de deleitar; e reconhecendo as tendências do século para os gozos sensuais, e para os grandes sobressaltos do espírito e do coração, puseram em ação todas as paixões violentas, e todos os instintos ferozes da humanidade. Compuseram destarte, é bem certo, quadros grandiosos, cheios de vida e de animação, cintilantes de fogo e de energia, em que se sucedem uns aos outros os episódios dramáticos, e as cenas trágicas. Mas, através das galas da poesia, com que os adornaram, e sob o brilho sedutor dos ouropéis com que se esforçam por atenuar, senão santificar, a hediondez de

torpezas e devassidões repugnantes, transparece o vírus da corrupção da alma, ministrado em taça de ouro à mocidade inexperiente e ávida de comoções fortes.

A outra turma de romancistas tem trilhado mais nobre senda, no desempenho de uma missão civilizadora e santa.

Os seus romances não deslumbrarão, talvez, o espírito com o esplendor das imagens; não o sobressaltarão com a rápida sucessão de casos extraordinários; não subjugarão a razão, nem expõem o coração a contínuo tremor com o longo encadeamento de comoções violentas.

Como o prado, que, sob o sol da primavera, se veste de verdes, que vai matizando pouco a pouco de flores singelas, mas rescendendo de suaves aromas, resplandecentes e encantadoras pela viveza e variedade das cores; e que no inverno troca as alegrias em tristezas, as galas em miséria, para outra vez folgar e enriquecer-se sob o novo cetro de Flora; assim nas produções destes romancistas alternam-se as cenas meigas e suaves da família com os tristes acasos da sorte, com as tribulações da desventura, enfim, com as tempestades da vida. Nestes quadros avultam também os contrastes, como na natureza; os toques de luz e de sombra, colhidos nas vicissitudes da fortuna e no tumultuar das paixões. Figuram aí alguns dos vícios e crimes, que são no mundo moral a imagem das forças destruidoras no mundo físico. Mas apresentam-se, não com o semblante velado, embora por véu transparente, que mal deixa distinguir-lhes a fealdade; não com as feições embelezadas e disfarçadas com arrebiques e louçainhas, que fascinem e lhes conciliem as simpatias das almas ingênuas e crédulas, mas sim tais quais são, na sua completa nudez, em toda a sua asquerosa deformidade.

Finalmente, desta luta entre o bem e o mal, figurada nestes romances, sai a virtude ou o arrependimento coroado pela felicidade, e o crime ou o vício punido pela justiça dos homens, ou pela de Deus, que dos próprios vícios e crimes fez gerar o castigo que os pune na terra.

A esta turma de romancistas, a que pertence a escola alemã, veio associar-se uma outra, ainda mais singela e modesta, talvez, mas também guiada pelo mesmo impulso generoso de deleitar, moralizando. Compõe-se esta de um certo número de autores de contos e tradições populares, entre os quais ocupa lugar de honra D. Antônio de Trueba.

V

Nascido na Biscaia em 1821, uma das províncias da romântica e cavaleirosa Espanha, tão original no curso e transformações do seu longo viver; nascido na

Biscaia, repetimos, onde se tem conservado mais arraigado o respeito às tradições do passado, o amor aos antigos foros populares, e o apego aos velhos costumes, D. Antônio de Trueba não podia eximir-se a essa tríplice e poderosa influência. Bebendo com o leite aquele respeito; bafejado desde o berço por aquele amor; preso àqueles costumes pelas mais doces recordações da infância, o seu espírito dificilmente poderia deixar de revoltar-se contra o progresso, que tudo nivela, abatendo o que era grande, e exaltando o que era humilde; contra as idéias do século, que mofam das crenças do passado; que despojam de poesia as tradições; que parecem tender a materializar a vida à força de comodidades e gozos, criados para deleite dos sentidos.

Ressuscitando, pois, as tradições das antigas eras, empenhou-se em fazer reviver, com todo o brilho de outrora, as santas crenças de seus maiores.

Pondo em paralelo, em alguns dos seus contos populares, os costumes da velha sociedade com os que se vão modificando e surgindo no meio do desenvolvimento do espírito humano, insurge-se, é certo, contra o progresso, e, apontando para a corrupção que ele gera e alimenta, deixa expandir-se a sua indignação.

Mas, quando se pensa em que o autor desses contos e tradições foi criado no remanso e singeleza da vida campestre; quando se considera em que os dias da infância e da adolescência se lhe deslizaram tranquilos e alegres no seio da família, sem que viessem perturbar-lhe o repouso, desvairar-lhe as idéias e corromper-lhe o coração, o bulício das cidades, o tumultuar das paixões e a sedução dos vícios; quando se reflete em que os verdores, e as suaves harmonias, e os contrastes pitorescos do seu vale natal lhe infundiram n'alma a doce poesia da natureza; e que os carinhos e máximas morais de uma extremosa mãe e virtuosa perceptora lhe fizeram o espírito meigo, franco, reto e eminentemente religioso; quando se atenta em tudo isto, compreende-se, acha-se natural, e desculpa-se aquela insurreição contra os progressos do século.

Qual mimosa sensitiva, que se contrai e desfalece ao simples contato da mão indiscreta ou benfazeja, como se a ferisse duro e traiçoeiro golpe; assim Trueba se confrangeu logo que, transpondo as montanhas do seu pacífico vale, e achando-se de improviso face a face com a sociedade, que desconhecia, viu, como que ofuscando o brilho das grandes idéias do progresso, os sentimentos nobres e patrióticos, e as aspirações elevadas e generosas do coração humano, lutando por toda a parte, e quase sempre vencidas pela ambição do poder e das honras, pela cobiça do ouro, pela sede dos gozos e dos prazeres, pela fortuna dos mais atrevidos, e pela inveja dos menos felizes. Irritou-se, vendo as conveniências partidárias e individuais suplantarem muitas vezes o interesse público; vendo as leis severas e inexoráveis para com os fracos e desvalidos, e

frouxas e flexíveis para com os poderosos ou protegidos; vendo elevaram-se homens, que a falta de mérito condenava à obscuridade, enquanto ficavam esquecidos e ocultos, nas sombras da modéstia e da humildade, muitos cidadãos dos mais prestantes; ouvindo apregoar máximas e alardear virtudes e serviços, que os exemplos e os fatos desmentiam; indignou-se, reconhecendo no curso da civilização as tendências do século para converter nos gelos da descrença e do egoísmo o ardor da fé, a luz benéfica da esperança, o fogo santo da abnegação, do amor do próximo e da pátria!

Na confrontação do presente com o passado o seu juízo não podia deixar de ser desfavorável ao primeiro, porque tudo o que via e ouvia, anuviando-lhe os verdadeiros resplendores do progresso, contrariava as suas idéias e os seus hábitos, e derrocava pela base os poéticos e formosos castelos, que fantasiara nos sonhos dourados da adolescência.

E a sua rápida passagem da estreiteza de apertado vale, segregado por assim dizer, do resto da Espanha, para a amplidão dos grandes centros industriais, para o seio da turbulenta e voluptuosa Madrid, ofuscando-lhe a vista, como se saíra de improviso das trevas para a claridade, forçosamente lhe havia de obstar a que visse nessa anarquia das idéias, nesse desenfreamento das paixões, nessa relaxação dos costumes, enfim, nessa corrupção moral, que tanto o escandalizavam, as consequências naturais da grande e inevitável revolução social, que estamos presenciando.

Não lhe deixaria atentar em que este acontecimento é o resultado dos maravilhosos descobrimentos do século XIX, os quais acabando com as Distâncias, pondo em íntimas e fáceis relações todos os povos do globo, e na presença uns dos outros todos os cultos religiosos, as lucubrações dos sábios de todo o mundo, todos os produtos da terra e da indústria humana, haviam de produzir, por efeito de uma força irresistível, o duro embate das velhas idéias e dos interesses à sombra delas criados, com as idéias e interesses, que os progressos humanitários iam gerando e desenvolvendo. Não lhe permitiria reconhecer que daquele embate havia de nascer a luta a todo o transe; da luta o exacerbamento das paixões; destas o afrouxamento dos vínculos sociais e dos próprios laços de família; e de tudo isto a desordem nas idéias e a corrupção geral nos costumes.

É este o triste apanágio das revoluções, que tendem, não a derrubar um trono, ou a mudar uma ou outra instituição, mas sim a assentar em bases inteiramente novas o edifício social. A nossa época é, infelizmente, um desses períodos de desmoronamento, e por conseguinte de transição, que aparecem de séculos a séculos na história geral das nações, como gigantescos e temerosos marcos, erguidos no caminho por onde a Providência impele a humanidade, para assinalarem e separarem as grandes fases da civilização.

Portanto essa condenação dos progressos do século, que aparece em alguns dos contos de Trueba, em razão dos motivos que lhe dão origem, não deslustra, antes pelo contrário honra o seu coração bondoso e o seu caráter justo e leal. Mas se alguém, mais severo, ou menos atento ao que expendi em seu abono, quiser lançar-lhe em rosto as suas opiniões reacionárias, leve-lhe em conta a beleza dos quadros que traça com suavíssimo pincel; a singeleza e elegância do estilo, com que dá relevo e vida às meigas cenas de família e aos risonhos painéis da natureza, e, finalmente, a moralidade que ressumbra de todas as páginas dos seus livros.

VI

Deste juízo das obras de Trueba, que se me afigura imparcial, deduz-se naturalmente um pensamento de louvor a quem promove entre nós a vulgarização destas boas produções. Em uma quadra, como esta, em que a literatura portuguesa está sendo a todo o momento, não enriquecida, mas sim invadida por tradições de romances que, na maior parte dos casos, não a honram pela pureza da linguagem, e a desautorizam pela licenciosidade dos costumes, que põem em sedutora exposição; presta o tradutor um bom serviço às letras e à moral pública.

Autores como Trueba ilustram e enobrecem a literatura que os adota e perfilha. Livros, como os seus, podem ser oferecidos à mocidade por leais conselheiros e guias seguros nos escabrosos caminhos da vida.

Na versão prestou o tradutor verdadeiro culto aos preceitos e exigências da língua materna, conservando aos pensamentos e às imagens originais toda a sua elevação e vigor, todo o seu brilho e poesia.

A literatura espanhola é tão rica e variada em todos os ramos do saber humano, quão mal conhecida, infelizmente, em o nosso país, nestes tempos modernos. Desde o princípio deste século temo-nos quase restringido a cultivar a literatura francesa, dedicando-lhe a nossa exclusiva admiração, em prejuízo de outras não menos opulentas e brilhantes. Por conseguinte também por este lado o distinto tradutor dos contos de Trueba bem merece dos seus concidadãos. O seu talento, já provado nas lides de escritor público, apresenta agora neste ensaio a amostra do que vale no difícil gênero, que encetou; difícilíssimo, sem duvida, quando se quer verter em linguagem de lei os pensamentos de autor estranho com toda a beleza e vigor da inspiração original.

I. DE VILHENA BARBOSA

NOSTALGIA

I

Mães que tendes filhos e que fundais a sua felicidade e a vossa em mandá-los para Madrid ou para a America; lede este conto, que para vós o escrevo.

Não penseis que é invenção minha o que vou narrar-vos; começa esta história no dia 10 de novembro de 1836, época em que Madrid era, *pior* e *melhor* do que hoje. Quem não entender o que deixo dito lembre-se do que sucede com a baixela de prata, que, quanto mais a esfregam, mais brilha e menos pesa.

Havia em Madrid um frio intensíssimo: nevara na véspera, e antes que a neve tivesse tido tempo de derreter nas ruas, sobreviera uma geada fortíssima, o que junto ao vento de Madrid, que mata um homem e não apaga um *candil*, dava à temperatura daquela heróica cidade o caráter e a temperatura da Sibéria.

D. João Quijano, rico banqueiro que morava na rua de Toledo, estava no seu escritório, situado nos baixos da casa, com seu sobrinho D. Lucas, e numa sala contigua trabalhavam em silêncio, sentados às suas carteiras, dois caixeiros encarregados da contabilidade e da correspondência. O gabinete do banqueiro tinha um postigo com vidraça que dava para o escritório geral, e pelo qual o tio e o sobrinho espreitavam amiudadas vezes, no intuito de se certificarem se os caixeiros cumpriam as suas obrigações; frase de que D. Lucas se servia para os fazer trabalhar, quando os ouvia falar em cousas alheias aos assuntos comerciais da casa.

D. João era homem de cinquenta anos, pouco mais ou menos, corado, robusto, de nariz grande e cabeleira tão bem arranjada e composta, que os próprios caixeiros não teriam dado por ela, se não fora o gênio de sua mulher D. Joana, que, nos seus acessos de cólera, lh'o lançava em rosto, chamando-lhe "tio *cabeleira*".

D. Lucas devia ter os seus vinte oito a trinta anos; era pouco mais alto que um cão sentado, e nem a sua fisionomia, nem as suas palavras revelavam talento ou bondade de coração. Não obstante isso tolerava-lhe o tio os defeitos, e até sentia estima por ele, não só por ser empregado antigo da casa, mas também porque podia dizer-se que era D. Lucas quem carregava com todo o peso do estabelecimento.

— Veja lá, tio, disse D. Lucas a D. João, levantando os olhos para um relógio, que estava colocado na parede, em frente da escrivaninha do banqueiro, — se tem de ir à Bolsa, não se descuide que são quase duas horas.

— Parece-me que não vou lá hoje, respondeu D. João; quem há de sair de casa por um tempo destes? A vida é curta, e se eu morrer... tocam os sinos a defunto, e está tudo acabado... Demais deve estar por aí a chegar o pequeno e tenho desejos de o ver. Recebi pelo correio uma carta de meu irmão Martinho, na qual este me diz que o rapaz saiu de lá no primeiro do mês, na carroça de Chomin, e segundo o meu cálculo, temo-lo por aí hoje. Talvez não fosse mau mandar o Turíbio à estalagem.

— Não sei para que; quando ele chegar, cá virá ter.

— O pobre pequeno deve vir tolhido de frio.

— Não lhe dê isso cuidado; não inspira compaixão quem vem como ele para Madrid, comer bom pão e boa carne, em vez de comer broa e batatas numa aldeia da Biscaia.

— Pois apesar disso estou bem certo de que preferiria encontrar hoje, ao aprear-se da carroça, a cozinha de seus pães, com a sua preguiceira e um bom fogo de rama de pinheiro, a entrar nesta habitação ricamente mobilhada e com chaminé à francesa.

— Parece-lhe que o empreguemos em compras e recados?

— Não foi essa por certo a ideia de seus pais quando resolveram mandá-lo para Madrid. É preciso colocá-lo no escritório a fim de que, pouco a pouco, se vá instruindo e orientando no negócio.

— Pouco a pouco! Verá como antes de um mês o faço saber mais do que Merlin. *A letra com sangue entra...*

— Não concordo contigo, Lucas. Toma conta, não lhe ponhas sequer a mão; não quero que aconteça com este o que aconteceu com outros, que à força de maus tratos, os entonteceste, e tive que os mandar para a terra...

Disponha-se D. Lucas a tomar a defesa do seu bárbaro sistema de educação, quando tocou a campainha; — calaram-se de súbito, tio e sobrinho, aplicando o ouvido na direção do portal.

— Ele aí está! exclamaram ambos a um tempo, ao ouvirem no patamar a voz do pequeno que saudava o criado que fora abrir-lhe a porta.

— Senhor, disse este com sorriso de escárnio, aparecendo à entrada do escritório, está aqui Chomin com o *recém-chegado*.

D. João franziu as sobrancelhas como descontente de que o criado se atrevesse a proferir o estúpido equívoco que vai escrito em itálico, ao passo que o sobrinho soltou uma estrondosa gargalhada em honra da graça de Turíbio, que era um asturiano tonto com pretensões a faceto:

— Que entrem, respondeu D. João.

Com efeito Chomin, que era um dos recoveiros das províncias Vascongadas, entrou no escritório, acompanhado de um menino de doze a treze anos.

II

Não se tinha enganado D. João, supondo que a pobre criança chegaria gelada.

Ângelo (era assim que se chamava o novo caixeiro dos snrs. Quijano e Sobrinho) estava a tiritar com frio; tinha as mãos e a cara lívidas e os seus olhos indicavam que, na noite antecedente, em vez de se terem fechado para o sono, se tinham aberto para o pranto. O pobre rapazinho parou à porta do escritório, com o chapéu na mão, de cabeça baixa, e mal pôde articular um cumprimento.

— Ora aqui o tem, disse Chomin, depois das saudações do estilo. Desde que saímos da aldeia, ainda não cessou de chorar com saudades das suas vacas e das suas cabras.

— Pobre pequeno! exclamou D. João, afagando Ângelo.

— Deixe lá, atalhou o almocreve, que o pão trigo de Madrid faz esquecer de pronto a broa de Biscaia. Bem diz o provérbio que “*de Madrid só para o céu*”.

D. João acercou-se de Ângelo, e disse-lhe, correndo-lhe a mão pela cabeça:

— Vamos, homem, então, que tal achas Madrid? Parece-te melhor que a tua aldeia?

— Não, senhor, respondeu o pequeno com os olhos arrasados de lágrimas.

— Dizes bem, dizes! exclamou D. João, pondo-se a rir e fazendo uma nova carícia ao rapazinho. Devem ser assim os homens; a melhor terra é sempre aquela que nos viu nascer.

— Sim, sim, ria-se tio, disse D. Lucas, fazendo um gesto de enfado; ria-se da sandice desse bruto. Não há duvida, o rapaz promete! Mas deixa estar que caíste em mãos de quem te sabe ensinar!

— Não se aflija, snr. D. Lucas; o *rapazelho* põe-se fino com um bom par de açoites todos os dias.

— Isso fica por minha conta, respondeu D. Lucas.

— Valha-me Deus; não sejam assim, replicou o banqueiro; que admira que o pequeno tenha saudades de seus pais, se nunca se separou deles? E acrescentou, dirigindo-se a Ângelo: deves trazer vontade de comer?

— Não, senhor, respondeu o menino, lavado em lágrimas.

— Não chores, disse D. João; chega-te para o lume e aquece-te, enquanto não chamam para o jantar, e logo tomarás conta do teu serviço e verás como antes de um ano te tornas um verdadeiro negociante.

O pequeno aproximou-se da chaminé com o chapéu na mão; mas como o cegavam as lágrimas, tropeçou numa cadeira e lançou por terra uns papéis que estavam sobre ela.

— Desastrado! não vês por onde andas? exclamou D. Lucas, agarrando-lhe num braço e sacudindo-o com violência.

De repente efetuou-se no ânimo do menino uma reação inesperada. Ele que, um momento antes, mal se atrevia a levantar os olhos, ou a pronunciar uma palavra, ergueu a fronte com altivez, e virando-se para D. Lucas, disse-lhe:

— Expulse-se-me de sua casa, mas não me maltrate. Aqui maltratam-me, enquanto na minha aldeia me choram. Como quer então o senhor que eu goste mais desta terra do que da minha?! E acrescentou, dirigindo-se ao almocreve:

— Já não quero aqui ficar; volto consigo para a Biscaia.

Estas palavras, bem longe de comoverem D. Lucas e o almocreve, fizeram rir este e encolerizar aquele, que murmurou, levantando o punho fechado sobre a cabeça da criança:

— Se fosses meu filho abria-te a cabeça com um murro!

D. João, porém, saiu em defesa do pobre rapaz, arredando dele com violência seu sobrinho, e exclamando:

— Lucas, já te disse que não consinto que lhe ponhas a mão. Se o achas rude e acanhado, se está comovido e saudoso, recorda-te de como eras também, e do modo como te apresentaste quanto vieste para Madrid. E Vm.^{ce}, snr. carroceiro, fique sabendo que não se tratam os racionais como as mulas.

— Não faça caso, snr. D. João; isto em mim não passa de um gracejo, e senão ele que diga a maneira como eu o tratei pelo caminho.

— Carregando-me de lenços de contrabando! O que me valeu foi não me revistarem à entrada das portas; do contrário estaria a estas horas na cadeia!

— Não está mau modo de cuidar da inocente criança, que foi confiada à sua guarda! exclamou D. João, olhando com indignação para o almocreve. Retire-se já da minha presença, que me estão dando tentações de dar uma parte de si à policia.

— Ora, snr. D. João!... Então o senhor faz caso do que dizem crianças?

— Já lhe disse que se retire da minha presença.

— Está bem, snr. D. João; mas...

— Não há aqui mas, nem meio mas. Tenho dito, ponha-se no andar da rua.

O carroceiro não se atreveu a replicar e retirou-se murmurando não sei que insolência.

D. João arrastou uma cadeira para junto do fogão, e sentou-se ao lado de Ângelo que tinha cessado de chorar. O pobre pequeno estava já um tanto mais satisfeito por ver que nem todos naquela casa o tratavam com aspereza, e que se havia ali quem o maltratasse, também tinha quem o defendesse e lhe proporcionasse consolações e afagos, que lhe faziam lembrar os que deixara no lar domestico.

D. Lucas despeitado por ver que o tio tomava as dores pelo recém-chegado, a ponto de o repreender a ele pela sua falta de humanidade, tinha-se retirado para o escritório, e por conseguinte ficaram sós, Ângelo e D. João.

Era este natural da aldeia do pequeno, e posto tivesse ido para a corte de tenra idade, e absorvessem de ordinário todos os seus pensamentos e ações os assuntos comerciais, nem por isso havia renegado o país natal, nem esquecido os seus parentes.

— Vamos, Ângelo, disse ele ao rapazinho com modo carinhoso, dando-lhe uma palmada no ombro; conversemos um bocado acerca da nossa aldeia; venham

de lá algumas notícias frescas daquela boa gente. Então de quem te despediste tu antes de partir?

— Despedi-me de todos os meus parentes e vizinhos.

— Muito bem! Nesse caso havias de ver meu irmão, não é verdade?

— Sim, senhor, recomendou-me que lhe desse muitas lembranças, e bem assim à senhora D. Joana, e a D. Lucas... mas a este é que eu as não dou.

— Não sei porque não, filho.

— Porque me trata muito mal.

— Não faças caso, homem. Com que então deram-te lembranças para mim?

— Sim, senhor, e especialmente o snr. abade.

— Deve estar muito velho, o bom do padre! coitado!

— Não, senhor; se o visse andar por aqueles montes ficava admirado. Ninguém dirá que tem mais de quarenta anos. Como não ha, lá na aldeia, quem não reze a Deus todos os dias para que lhe dê saúde, não tem nem uma dor de cabeça.

O colóquio de D. João e Ângelo, interessantíssimo para ambos eles, foi interrompido logo em começo pela entrada do asturiano, que tinha chamado ao menino *rocim-chegado*.

— Senhor, disse o criado, manda dizer a senhora que está a *mesa na sopa*.

O banqueiro riu-se desta troca de palavras e encaminhou-se para o primeiro andar.

III

Não estava a mesa na sopa, mas estava a sopa na mesa, e D. Joana, a esposa de Quijano, aguardava com impaciência a chegada do marido, não porque tivesse o estômago vazio, mas sim porque o seu carácter irascível e dominador não suportava que a fizessem esperar.

D. Joana, que entrara como criada e acabara por ser ama em casa de D. João Quijano, tinha o relógio atrasado, pois assegurava ter trinta anos, ao passo que a sua fisionomia, e o que ainda é mais, a certidão do batismo, lhe davam quarenta.

Deter-me-ei pouco na descrição dos seus dotes físicos; direi apenas que as criadas, que despedia todas as semanas, a mimoseavam, ao descerem pela última vez as escadas, com os epítetos de: *dentes de cavalo, estafermo, e olhos de gato*.

Quanto ao moral era D. Joana a personificação da antítese; alternavam-se nela a vaidade e a modéstia, a avareza e a liberalidade, a crueldade e a compaixão, a elegância e a falta de gosto no vestir.

Se um dia fazia gala, em uma reunião de pessoas distintas, de não ter gasto até a idade de quatorze anos, outro calçado que não fosse o do seu *próprio couro*, despedia, no dia seguinte, uma criada por a pobre rapariga pedir, na sua inocência, ao carteiro, que lhe lesse uma carta do seu noivo, por isso que sua ama não sabia ler; agora despedia um mendigo com a seguinte blasfêmia: “Vá pedir a S. Bernardino”, que na boca dos que podem e não querem dar, substitui a *súplica* — “queira perdoar, irmãozinho, não pode ser agora” — que costumam usar os que querem e não podem; e logo, sabendo que qualquer vizinho estava doente e precisado de meios, era muito capaz de lhe mandar uma boa esmola. Pela manhã dava uma *tareia* ao cão por este ter mordido o gato, e de tarde dava outra ao gato por ter arranhado o cão; na quarta feira ia passear ao Prado, de vestido de veludo, e na quinta apresentava-se no mesmo sítio de vestido de chita.

Se sou tão minucioso e até prolixo, é porque não quero que alguém critique e censure no pintor as inconseqüências do original.

D. Joana dominava por tal arte o marido, que a vontade dele estava sempre subordinada à sua. D. João tremia diante de um gesto ameaçador da mulher, e por mais de uma vez teve ela um acesso medonho de cólera só porque o honrado banqueiro entrou em casa às dez horas em vez de se recolher às nove.

— Ora, com efeito, disse D. Joana, quando D. João entrou na sala do jantar, já julgava que seria preciso meter-lhe empenhos, e dirigir-lhe algum requerimento para que o senhor se resolvesse a vir jantar. Se se persuade que eu estou para aturar as suas grosserias, está muito enganado.

— Sempre tens muito mau gênio, Joaninha! disse o banqueiro, esfregando as mãos e com um sorriso afável nos lábios.

Sentou-se D. João à mesa, encheu um prato de sopa e passou-o a sua mulher; esta porém empurrou-o com tal violência, que todo o seu conteúdo se entornou na toalha.

— Também tenho mãos para me servir.

— Como gostares mais, Joanhina, disse D. João humildemente.

Principiaram a jantar, e por mais que o banqueiro dirigisse a palavra a sua mulher, em tom agradável e risonho, não foi possível quebrar-lhe o silêncio.

Por fim resolveu-se D. Joana a falar, perguntando ao marido:

— Então que negócios tão importantes foram esses que o obrigaram a deixar-me esperar por si meia hora?

— Meia hora! Não sei como não disseste uma, filha!

— Faça o favor de me não contradizer! exclamou D. Joana, com um gesto terrível. Eu falo mais verdade do que você e toda a sua geração.

— Então! Não vale a pena alterares-te por tão pouco! A dizer a verdade, nem por isso eram lá muito grandes os negócios que me prendiam; — estava conversando com o pequeno.

— Com que pequeno?

— Com Ângelo.

— Pois ele já chegou?

— Chegou, sim. Ainda o não sabias?

— Não, senhor, ninguém me disse nada. Nesta casa sou eu sempre a *última palavra do credo*... Pois não devia ser assim, e de hoje para o futuro, eu lhe protesto que não tornará a acontecer uma coisa destas, porque, no fim de contas, eu é que sou a dona desta casa; entende o senhor?

E dizendo isto, D. Joana atirou o trinchador com tal fúria, que fez um prato em pedaços.

— Oh! menina!... por quem és, Joanhina.

— Deixe-me... não me diga uma palavra, quando não...

O banqueiro fez um movimento para traz, porque a mulher tinha pegado numa faca e agitava-a convulsivamente.

Afinal o silêncio e a humildade do marido desarmaram aquela megera.

— Então, quando veio o pequeno? perguntou ela.

- Haviam de ser duas horas, filhinha; eu supunha que o criado to teria dito.
- Não me disse nada. Aquele Turíbio é um bruto, que há de ir hoje mesmo para o meio da rua. E que me diz também ao mono do rapaz, que não soube subir para me vir cumprimentar?!
- Bem vêes que ele, coitado, não sabe...
- Pois tem obrigação de saber que sou eu a dona desta casa.
- Em primeiro lugar o pobre pequeno chegou meio morto de frio, e depois aquele excomungado de Lucas começou a emburrar com ele, de modo que a criança ficou logo sem saber de que freguesia era.
- Eu me encarrego de o pôr fino com umas correias que ali tenho.
- Não digas isso, Joaninha; para o pôr fino, como tu dizes, requerem-se carinhos e não correias. Já disse a Lucas, que comigo tem de se haver, se lhe puser a mão. A ti não é preciso repetir a mesma coisa, porque tens melhor coração do que o meu sobrinho, e estou até convencido de que hás de ser para Ângelo uma segunda mãe. Afianço-te que está morto por te ver; a primeira coisa que fez, quando chegou, foi perguntar por ti.

Esta mentira do banqueiro foi o bastante para reconciliar Ângelo com D. Joana, que disse:

- Mas o que faz essa criatura no escritório? Porque o não mandaste subir, logo que chegou, para tomar alguma coisa? Provavelmente está ainda em jejum, molhado, cheio de frio...
- Nada, não, ele disse-me que não tinha vontade de comer; e quanto a aquecer-se, está no meu gabinete, sentado ao fogão.
- E porque foi, então, que Lucas o tratou mal?
- Que queres? coisas dele! Por ter dito que gostava mais da sua terra do que de Madrid.
- Santo Deus! Pois isso era motivo para ralhar com a criança? Aqui estou eu a quem, graças a Deus, não falta nada, e no entanto, morro pela minha aldeia... — Turíbio! acrescentou D. Joana, chamando pelo criado dos trocadilhos, disse ao rapazinho, que está no gabinete do senhor, que suba.
- Quem, o *rocim-chegado*? perguntou o asturiano com um sorriso malicioso.

— Atrevido! exclamaram, a um tempo, D. Joana e o banqueiro; se tornares a divertir-te à custa de Ângelo, vais imediatamente para o andar da rua.

O asturiano baixou a cabeça, pouco satisfeito com o êxito do seu gracejo, e um instante depois subia com o pequeno.

Ângelo saudou D. Joana com bastante desembaraço, e depois que ela lhe chegou um prato de bolos, acabou de perder todo o seu acanhamento, e respondeu com vivacidade às mil perguntas que por largo espaço de tempo lhe dirigiram os dois esposos.

— Tens muitas saudades de tua mãe? lhe perguntou D. Joana.

— Muitíssimas, respondeu o pequeno.

— Pois, se fores bom rapaz, hei de estimar-te e cuidar tanto de ti, como se fora ela própria.

— Muito obrigado, minha senhora!... disse o menino; e arrasaram-se-lhe os olhos de lágrimas... lágrimas de alegria e de agradecimento.

O banqueiro e sua mulher levantaram-se da mesa.

— Deixa-te estar aqui, filho, disse D. Joana a Ângelo; espera que vais tu agora também comer e os teus companheiros.

IV

Pouco depois entraram na sala do jantar D. Lucas e os caixeiros e sentaram-se à mesa. Ângelo porém conservou-se num canto, de cabeça baixa, receoso, e sem se atrever a levantar os olhos para D. Lucas.

— Chega-te para a mesa, selvagem, disse-lhe o sobrinho de Quijano. Parece-me que seria melhor ires outra vez guardar cabras lá para a tua terra.

Alegrou-se o menino e sentiu-se ao mesmo tempo ferido no coração, ao ouvir estas palavras; regozijou-o a lembrança de voltar para a sua aldeia e enlutou-se-lhe a alma com o novo insulto que acabava de lhe ser dirigido.

Aproximou-se timidamente da mesa, mas não se chegou tanto, como devia, segundo a opinião de D. Lucas; este dando-lhe um murro nas costas exclamou:

— Chega-te mais, bruto! A culpa tem quem não deixa ficar estes animais a pastar no campo, ou os não faz comer, quando muito, numa manjedoura em lugar de mesa!

Todos os caixeiros do banqueiro desataram a rir em honra do chiste de D. Lucas.

O pobre Ângelo derramava entretanto uma torrente de lágrimas, e comparava as carícias da sua família com aquelas ofensas bárbaras e grosseiras.

— Então, comes ou não comes? perguntou D. Lucas.

— Não tenho vontade, respondeu Ângelo.

— Tanto melhor; desse modo não corres perigo de agarrar alguma indigestão, e hão de abater essas bochechas de *frade Bernardo*.

Por única resposta continuou Ângelo a chorar e a suspirar pelos pais, pelos irmãos, pelos seus companheiros de infância e pelas queridas montanhas de Biscaia, onde até ali tinha vivido tão livre, tão estimado de todos e tão feliz!

E os caixeiros de Quijano a escarnecerem-no, a rirem-se dele, sem a mais leve sombra de compaixão, como se a pobre criança fosse um corpo sem alma, como se a considerassem sem coração para sentir!

É na verdade uma coisa que indigna e irrita as pessoas sensíveis, e que até revolta o ânimo, a falta de humanidade com que são, de ordinário, tratados nos grandes centros, e particularmente em Madrid, os rapazes que para ali são mandados das aldeias!

Chega uma pobre criança, que nunca saiu do seio da sua família, onde, se a não cercavam riquezas e comodidades, lhe sobravam carinhos e ternos cuidados; chega ordinariamente cheia de frio, extenuada de fadiga, muitas vezes até com fome, e sempre saudosa e triste, e em lugar de a confortarem e de lhe proporcionarem carinhos, de que necessita então mais do que nunca, todos a escarnecem, todos zombam da sua inocência e da sua humildade, das suas lágrimas e da sua linguagem.

Ai! não acuseis o autor deste livro de se entregar a falsas declamações; a justificação dessas palavras conserva-a ele impressa na sua memória propensa a recordar, e no intimo do seu coração sempre disposto a perdoar, para nunca mais sair dali.

Durante a primeira tarde, que passou em casa de D. João Quijano, foi Ângelo vítima da selvageria, que estou condenando. Abusaram indignamente da sua natural simplicidade e prudência, obrigando-o a praticar um certo número de

coisas, que repugna enumerar; por último fizeram-no persuadir de que todas as pessoas que entravam pela primeira vez em Madrid, careciam de ser pesadas a fim de pagarem uns certos direitos proporcionais ao peso que tivessem.

Puseram-no em cima de uma balança, e ali o conservaram por tanto tempo, que a pobre criança já tinha o corpo quase desconjuntado; quando terminou aquela experiência de martírio, que faz lembrar os tormentos inventados por Diocleciano e Torquemada, teve ele de sofrer outro talvez mais doloroso ainda, qual o das mofas e zombarias dos seus verdugos, que desapiedadamente lhe retalhavam o coração!

E os caixeiros do banqueiro, homens barbados, que, como tais, estavam constituídos na obrigação de proteger o fraco e de consolar o triste; que eram chamados a desempenhar graves e sagrados deveres na sociedade, mostravam-se contentes com a sua obra, e imaginavam-se, talvez, cheios de talento e de graça por haverem iludido e martirizado uma criança, que, pela primeira vez na sua vida, vertia lágrimas de desespero, longe de seus pais que a idolatravam, e das queridas montanhas da sua pátria!

Tudo sofreu a pobre criatura em silêncio; nem sequer lhe restou o lenitivo de se queixar a D. João dos bárbaros tratos de que foi vítima; proibiram-lho os seus verdugos com ameaças que lhe infundiram novo terror e novo desalento.

V

Dormia toda a família de Quijano no andar nobre da casa, à exceção do caixeiro mais moderno e dos cães, que se acomodavam no pavimento térreo, destinado quase exclusivamente ao escritório e suas dependências.

Os dois cães, Mouro e Pomba, dormiam no gabinete do banqueiro, que estava ricamente mobilhado, ao passo que o caixeiro se alojava num quarto pequeno e úmido, alumiado apenas por uma espécie de fresta ou gateira aberta na parede, situado num patamar constantemente varrido pelo vento que entrava da rua e pelo que vinha de um pátio que havia nas traseiras da casa; a mobília desse mesquinho aposento consistia toda em um leito de pinho com colchão, dois lençóis, um cobertor, um travesseiro e um lanceiro ou cabide tosco para pendurar o fato e... grandes cortinados de teias de aranha pendentes do teto.

Em tempo dormia o caixeiro mais moderno (rapaz de tempo) num quarto excelente do andar nobre; D. Lucas porém havia disposto as coisas por outra forma, muito antes da época a que me refiro; tinha lá umas idéias *suas* de higiene, em virtude das quais dizia que muitas vezes os caixeiros adoeciam por passarem repentinamente de uma vida incomoda para uma vida cômoda, de

um colchão duro para um colchão mole, de um quarto mau para um quarto bom.

Quis o tio opor-se àquela estúpida inovação, ponderando que o que fazia adoecer os rapazes que entravam para sua casa não era senão o péssimo tratamento que recebiam de D. Lucas; este porém, tais argumentos empregou em defesa da sua teoria, que, para se livrar de polemicas, teve o pacífico banqueiro de concordar com ele. Os rapazes continuaram a adoecer, mas D. Lucas afirmava ao tio que tudo aquilo era fingimento e impostura para que os deixassem dormir no andar de cima, e o bom do banqueiro, que já não tinha pequena cruz nas teimas e ralhações de sua mulher, não quis continuar em divergência com o sobrinho, e acabou por admitir o seu bárbaro sistema penitenciário.

Patrões e caixeiros ceavam quase simultaneamente, sendo as sobras da mesa dos primeiros servidas aos segundos. D. Lucas comia de ordinário com estes, exceto porém nos dias santificados e à noite, que fazia companhia aos tios. Não podia o sobrinho do banqueiro tolerar que os caixeiros fumassem, e não obstante tinha uma paixão desmedida pelo tabaco; mas diante do tio não era capaz de fumar, e isto explica-se facilmente. D. Lucas começou a fumar quando, pela sua pouca idade, carecia para o fazer de ocultar-se do banqueiro; e mais tarde, quando já eram escusadas essas precauções, continuou a matar o vício às ocultas, talvez por hábito, e talvez também por não dar o seu braço a torcer, por isso que em tempo tinha jurado e tornado a jurar ao tio que bastava o cheiro do tabaco para o transtornar completamente.

Erguia-se da mesa, ainda com o bocado na boca, e entrando na cozinha, onde comiam os caixeiros, apertando o seu cigarro, que se não atrevia a acender, com medo de que na sala se pressentisse o cheiro, pegava num castiçal e dava a voz de *deitar ao rapaz de tempo*. Achava-se este ainda em meio da ceia, por isso que os outros lhe levavam sempre um prato de vantagem, mas D. Lucas estava desesperado por fumar, de maneira que o pobre rapaz não tinha outro remédio senão levantar-se da mesa, dar as boas noites a toda a família, começando pelos caixeiros, e seguir a D. Lucas, que já pelas escadas abaixo tirava cada fumaça que valia bem um dobrão.

Em quanto o pequeno se deitava, alumiado pela vela colocada no corredor, em frente da porta do quarto, acabava D. Lucas de fumar o seu cigarro, pegava no castiçal, fazia quatro festas aos cães, deitados num colchãozinho muito fofo, e em seguida subia as escadas a fim de passar um bocado da noite na companhia dos donos da casa.

Se D. João tivesse um hóspede e este lhe perguntasse a razão porque o sobrinho descia ao escritório, ainda bem não tinha acabado de cear, seria esta a resposta do banqueiro:

— Vai deitar os cães e o pequeno, dar uma vista d'olhos lá por baixo, ver se está tudo bem fechado, e demora-se até poder trazer para cima a luz, porque aqui em Madrid é preciso muito cuidado com os fogos. Como estes rapazes são em geral muito *dorminhocos* e Lucas entende que por nós gostarmos de palestrar o nosso bocado, não se segue que o pequeno esteja para aí a turrar com sono, dá-se pressa em o levar para a cama.

Sucedeu a Ângelo nem mais nem menos do que aos seus antecessores, com a diferença, porém, de que à pobre criança lhe foi dobradamente mais custoso deitar-se a meia razão, por isso que todo o dia estivera fazendo cruces na boca, e quando o chamaram para a ceia tinha fome canina.

Uma pessoa adulta, opressa pelo peso de tão profundo desgosto como era o dele, teria olhado para a comida com repugnância, ainda que estivesse a cair de fraqueza; mas é que uma pobre criança, se acontece perder o apetite por espaço de algumas horas, pronto o recupera, por mais acerbos e cruciantes que sejam os seus desgostos.

Ângelo deitou-se e Dom Lucas despediu-se dele do seguinte modo:

— Ora queira Deus que pela manhã não haja preguiça! Aqui não se trata só de comer e dormir. às seis horas *varrer* bem o escritório.

Dom Lucas, como temos visto, usava muito dessa espécie de linguagem impessoal inventada pelos lacaios com o fim de se esquivarem a dar tratamento.

VI

Ângelo, com a solidão do seu aposento, deu-se por compensado da parte da ceia de que a maldade de D. Lucas o privara. Ali podia sequer chorar desafogadamente, podia rogar a Deus que o restituísse às suas montanhas, invocar o nome de seus pais, e execrar até os seus algozes, sem que uma gargalhada de desprezo, um dito humilhante ou uma pancada fossem perturbá-lo nas suas cogitações.

Ai! muito chorou a pobre criança, naquela noite!

— Como é triste viver em Madrid! pensava ele. E dizerem na minha terra que — *de Madrid só para o céu!* — As pessoas que dizem isso de certo nunca

estiveram aqui! As ruas e as praças estão convertidas em lodaçais imundos; a gente anda toda aos encontrões; as carruagens e os cavalos atropelam e cobrem de lama os transeuntes; as goteiras alagam os indivíduos que seguem pelos passeios; e o vento que sopra das portas faz rebentar o sangue nas mãos e na cara!

É bem diferente disto o meu querido país, os campos amenos da Biscaia!

Lá alveja a neve lisa e pura por sobre a relva e as penhas, nas árvores e nos telhados, e quando o sol ou a chuva a derretem não é em lodo que se converte, mas sim em cristalinos arroios; lá não se apinhoa, confunde e atropela a gente, o gado e os carros, que a todos Deus concedeu campo e largueza por onde se espalhem à vontade; e se também ali sopra o ar frio do inverno, é ar que dá saúde em vez de tirá-la.

Ai! quão diferente teria corrido para mim o dia, se o passasse na minha aldeia! Se lá estivesse, andaria no campo a patinhar no gelo; teria feito grandes bolas de neve no alto da montanha, para as ver despenhar-se no vale; em seguida voltaria a casa, e depois de ter almoçado junto do lume, subiria à trapeira para apanhar os pássaros, que ali vão abrigar-se do mau tempo e procurar o sustento que não encontram nos campos cobertos de neve; e à noite, em quanto minha mãe estivesse preparando a ceia, contar-me-ia meu avô as suas façanhas da guerra da independência. No fim da ceia iria para a cama acompanhado por minha mãe, que depois de me cobrir e agasalhar cuidadosamente, se despediria de mim, como de costume, com um doce beijo. Ai! que diferença! assim não estaria, como agora estou, acordado e a chorar, mas dormiria tranquilo e sossegado até que, com outro beijo, fosse despertar-me pela manhã!

Entregue a tão saudosos pensamentos passou Ângelo em claro quase toda a noite. Já se ouviam na rua os pregões dos vendilhões e fornecedores da cidade, o barulho dos carros e os passos dos transeuntes, quando, vencido pela vigília, e tomado do cansaço do corpo e do espírito, caiu num benéfico sono.

Adormeceu profundamente; rosaram-se-lhe as faces, e a posição em que ficara e a sua respiração serena e plácida, revelavam uma dulcíssima tranquilidade de espírito; entreabria-lhe os lábios aprazível sorriso, e, de vez em quando, soltava deles os nomes de *pai*, *mãe*, e outros como estes saudosos e gratos ao coração da desventurada criança.

Agora sonhava que se achava na aldeia, cercado da sua família ou brincando com os seus companheiros de infância; depois, que trepava ao cimo das árvores em busca de um ninho de rola, ou de pombo torcaz; derribava às pedradas as maçãs e as nozes; corria ao bosque a fazer assobios da casca do castanheiro, ou ao ribeiro para construir moinhos de junco; logo subia ao alto da montanha,

coroada por uma ermida, em roda da qual andava o tambor chamando para a romaria. Por último sonhava que era noite de S. João, que todo o vale estava iluminado pelas fogueiras acesas nos outeiros, e o inundavam de alegria o repique dos sinos, os morteiros, as cantigas e os gritos de júbilo, que acompanham sempre aquela festa clássica e essencialmente infantil!

Embalado nestes sonhos deliciosos, que lhe representavam todos os encantos do seu país natal, sonhos que melhor do que ninguém pode adivinhar o autor deste livro, porque também chorou e sonhou como Ângelo, não ouviu o pobre menino as sete horas que bateram compassadas no relógio do escritório.

VII

Manoel e Mariano (eram estes os nomes dos dois caixeiros do banqueiro) desceram as escadas, e vendo que Ângelo se não tinha ainda levantado, dirigiram-se para o seu aposento.

— É melhor acordá-lo, dizia Manoel, porque se chega D. Lucas e o encontra a dormir não deixa de lhe fazer a operação do costume.

— E que tem lá isso? replicou Mariano, para nós é até um divertimento. A pena que me resta é não haver aqui à mão um bom molho de urtigas.

— Não tenhas mau coração. Já não sofreu pouco ontem o pobre pequeno, principalmente com a história da balança.

— E que tem que sofresse?! Também nós sofríamos quando éramos como ele.

— Pois por isso mesmo que a nós nos trataram mal é que eu entendo, que devemos tratar agora bem os que se acham em idênticas circunstâncias.

E dizendo isto, aproximou-se da cama de Ângelo, e principiou a abaná-lo e a chamar por ele; mas o menino estava tão ferrado no sono, que continuava a dormir profundamente.

— Que é lá isso, perguntou D. Lucas, aparecendo à porta do quarto. Então esse estúpido ainda está na cama?!

— Está, sim, senhor, respondeu Mariano.

D. Lucas proferiu uma praga e acrescentou, dirigindo-se a Mariano:

— Vais ver como esperta num instante. Traz-me lá de cima, da talha, uma bilha d'água para se lhe aplicar o remédio.

Mariano, que parecia feito à semelhança de D. Lucas, obedeceu de pronto, e largou pelas escadas acima, esfregando as mãos de contente. No primeiro andar, e debruçado numa varanda de ferro que dava para o pátio interior da casa, coberto por um tolde, estava Turíbio, escutando o que se passava em baixo, pois dali se ouvia tudo perfeitamente.

— Que temos, snr. D. Mariano, perguntou ele ao caixeiro.

— Vou buscar uma bilha d'água para fazermos a *operação*.

— Ao *rocim-chegado*?

— Nem mais nem menos; vem daí, se te queres rir.

— Isso já a mim me palpitava, que se lhe havia de fazer o *remédio*. Mas a água não deve ser da talha; essa está pouco fria por causa da proximidade do fogão. Temos aqui um bom jarro dela, que, de propósito, deixei ficar de noite sobre o alpendre.

— És um rapaz de talento, Turíbio! exclamou, rindo, Mariano, em quanto o bruto do criado pegava no jarro da água.

— Deve estar excelente! acrescentou, vendo-a coberta de uma espessa crusta de gelo, que foi quebrando com os nós dos dedos, à maneira que descia os degraus da escada.

Turíbio não quis privar-se do bárbaro gozo de assistir ao martírio que ia sofrer a pobre criança, e correu, todo alvoroçado, atrás de Mariano.

Dom Lucas pegou no jarro, e afastando para o lado a roupa que cobria o menino até ao pescoço, despejou-lhe de golpe toda a água por sobre o peito, com grande satisfação de Mariano e Turíbio. Manoel, esse, coitado, estava compungido da sorte do rapazinho. Ângelo soltou um grito e ergueu-se de súbito, ao sentir no corpo a água gelada.

— Isto é para ver se acordas! disse D. Lucas, e completou a frase com uma nova praga.

O menino não replicou, nem tratou sequer de desculpar-se. Atirou imediatamente consigo da cama abaixo, e vestiu-se sem proferir uma palavra. Os seus olhos não derramavam lágrimas, mas derramava sangue o seu coração! Tinha à cabeceira da cama uma estampa, já enegrecida pelo tempo, representando Jesus crucificado. Ergueu os olhos para a divina imagem e exclamou no intimo de sua alma aflita:

— Senhor, levai-me já para o céu ou para as minhas montanhas!

VIII

Do seio daquela nuvem de tristeza que o cercava, luziu para o pobre Ângelo um raio de esperança. Pelas conversas que ouviu, de D. Lucas e dos seus companheiros, veio no conhecimento de que os caixeiros do banqueiro tinham licença de sair nos dias santificados e para logo concebeu a esperança de gozar também desse prazer, libertando-se da tristeza e da opressão de toda a semana, naquele dia de folga e de liberdade.

De quantas necessidades experimentava era por certo a maior a de respirar por algum tempo livremente, vendo o céu e o sol, as árvores e os campos.

Manoel era o único que dirigia a palavra a Ângelo sem aquela aspereza e zombaria com que sempre lhe falavam D. Lucas e Mariano. Por isso, depois de dois dias de hesitação, abalançou-se o menino a perguntar-lhe se também lhe dariam, a ele, licença para sair ao domingo para o campo..

— De certo, isso nem se pergunta, respondeu Manoel.

Esta resposta, que a outro qualquer pareceria em extremo lacônica, fez verter lágrimas de agradecimento e de alegria a Ângelo; de agradecimento porque encerrava em si um tesouro de indulgência, comparada com as que todos os dias recebia naquela casa, e de alegria por lhe vir confirmar as fagueiras esperanças que nutrira.

As palavras de D. Lucas já não pareciam à inocente criança secas e desabridas, nem tão pouco se lhe afiguravam cruéis os motejos de Mariano e de Turíbio; já não julgava insuportável o trabalho a que o submetiam desde pela manhã até altas horas da noite, e até o quarto em que dormia, úmido e frio, triste e isolado, lhe parecia confortável e alegre desde que nele sonhava com os prazeres do domingo, embalado nas risonhas esperanças de desfrutar, ao menos um dia na semana, gozos semelhantes àqueles, que diariamente o deleitavam nos campos do seu país natal.

— Se os bosques e os prados da minha terra são tão formosos, pensava ele, como não hão de ser encantadores os daqui, se até por eles passeiam os reis e a sua corte? E quando as caçadas, lá nos meus sítios, são tão divertidas, o que não acontecerá em Madrid, onde tudo deve participar da grandeza da capital?

E os aprestes de caça de D. Lucas! Como são ricos! a espingarda e o polvorinho marchetados de prata, e as polainas e os correões bordados a seda! Muito me hei de divertir! Parece-me que já estou a atravessar espessos bosques de

carvalhos e castanheiros seculares, a passar regatos cristalinos, e torrentes espumosas, e a ver, a meu salvo, do alto de uma fraga, do cimo de uma colina ou da copa de uma árvore, o javali e o veado perseguidos pelos cães. Por fim, ao cair da tarde, quando tivermos reunido uma boa porção de formosas rezes, iremos descansar debaixo das ramadas ou das noqueiras que fazem sombra aos casais, onde não deixarão de nos oferecer excelente leite e fruta saborosa. E quando entrarmos na cidade! Com que orgulho, com que alegria não atravessaremos nós essas ruas, com grandes enfiadas de perdizes às costas, e trazendo à arreata uns poucos de burros carregados de javalis e lebres!

Chegou finalmente o domingo tão desejado. O céu apareceu límpido e puro; despontou o sol mais formoso que nunca, e um vento forte, que soprara toda a noite, tinha secado completamente o solo. Tudo contribuía para aformosear e revestir de galas o dia destinado a compensar Ângelo dos desgostos e maus tratos que sofrera até ali.

Na véspera à noite tinha dito D. Lucas aos caixeiros, em presença dos donos da casa, que eram fiéis observadores dos preceitos religiosos:

— Amanhã *levantar* cedo para ouvir missa antes de partir para o campo.

Os caixeiros, e bem assim D. Lucas, levantaram-se efetivamente muito cedo, mas não foi para ouvir missa.

Bem se importava D. Lucas com a missa, quando se tratava de caça que era o seu divertimento favorito!

O sobrinho de Quijano marcou tarefa a cada um dos rapazes. Ângelo foi encarregado de fazer varetas de junco, Manoel de encher de pólvora os polvorinhos e de chumbo as bolsas dos correões, e Mariano de fazer provisão de fulminantes.

Soou finalmente a hora da partida; D. Lucas, Manoel e Mariano calçaram botins muito grossos, afivelaram vistosas polainas bordadas a seda de diferentes cores, lançaram às costas grandes sacos de caça e armaram-se não só de espingardas de dois canos, como também de facas de mato; por último tiveram o cuidado de meter para os bolsos um bom punhado de balas.

Ângelo olhava para aqueles preparativos com indizível satisfação, e dizia com os seus botões:

— Estas polainas, estes enormes sacos de caça, estas facas de mato e estas balas indicam que vamos correr montes espessos e escabrosos, que a caça deve ser abundante e que de certo nos temos de haver com javalis ferozes, e talvez até com ursos e lobos.

O que porém dava que entender a Ângelo era ver que D. Lucas se dispunha a levar consigo os dois cãesitos de casa do banqueiro, que não podiam ter forças para arrostar com os perigos e fadigas de uma caçada como a que ele fantasiava na sua infantil imaginação.

Saíram afinal, e tomaram pela rua abaixo; “muito barata há de estar amanhã a caça!” diziam algumas pessoas ao verem-nos passar.

E Ângelo, que não compreendia a ironia que se continha nestas palavras, cada vez se confirmava mais na ideia que tinha formado da caçada.

IX

Quando avistaram a porta de Toledo, ficou Ângelo a pular de contente; mais alguns passos apenas e estavam no campo, onde ia recriar a vista na contemplação de uma perspectiva encantadora; era esse o juízo que formava, e que tinha como certo.

Se tanto o deleitavam as ridentes paisagens do seu país, com mais razão entendia a pobre criança que o haviam de Cativar as dos arredores de Madrid, a capital da Espanha onde tudo devia ser magnífico e admirável.

Lá, na frente, pensava ele, hão de avistar-se talvez grandes montanhas cobertas de frondoso arvoredo; a um lado elevar-se-á uma verde colina coroada pelas ruínas de um castelo misterioso e sombrio; do lado oposto erguer-se-ão às nuvens penhas alcantiladas, por entre as quais se despenharão com rouco bramido impetuosas torrentes, e pelas faldas dos montes há de estender-se por certo uma veiga deliciosa, semeada de casinhas brancas, e regada por um rio caudaloso, em cujas ribas estarão colocados, destacando no horizonte, inúmeros moinhos, completando a paisagem com os seus tetos elegantes e pitorescos...

É este o espetáculo grandioso, que vai, num momento, oferecer-se aos meus olhos!

E vendo que estavam quase a chegar à porta, desceu Ângelo a vista com o propósito firme de a não levantar, em quanto não sentisse debaixo dos pés a erva do campo, para assim poder abranger a um tempo e de repente, o formoso panorama, que se lhe desenhava na mente.

A areia e a brisa subtil do Guadarrama, e não esse tapete de mimosa relva, que sonhara, lhe fizeram conhecer que já se achava fora de Madrid.

Ergueu de súbito os olhos e abarcou ansioso com a vista a paisagem, que tinha diante de si.

Ai! que diferença entre o panorama, que se lhe apresentava e aquele que fantasiara na sua pueril imaginação!

Em frente limitavam o horizonte os cerros escavados e agrestes de Santo Isidro, coroados não de árvores formosas e de castelos misteriosos, mas sim de telhados denegridos pelo fumo e de lúgubres cemitérios, circundados de muros de terra. Do lado esquerdo uma planície estéril e monótona, da qual os acidentes mais belos são o cerro dos Anjos e o cerro Negro. À direita as vendas ou retiros miseráveis e as áridas encostas, que dominam a ponte de Segóvia; e em baixo, na planície, o triste Manzanares, arrastando-se penosamente por entre muladares e lavadouros!...

Um cruel desalento e uma profunda melancolia se apoderaram para logo de Ângelo; contudo não perdeu de todo a esperança de deparar com o paraíso dos seus sonhos.

— Quem sabe? pensava ele, talvez que ao transpor aquelas iminências se descubra uma paisagem menos árida e triste do que esta que daqui se observa. E seguindo os seus companheiros, atravessou o Manzanares pela ponte de Santo Isidro. De repente D. Lucas parou, recomendando, por sinais, aos outros que não fizessem bulha. Todos obedeceram, e ele então adiantou-se, nas pontas dos pés, agachando-se cautelosamente, e com os perros da espingarda levantados.

Ângelo supôs que D. Lucas teria avistado alguma lebre, ou pelo menos um bando de perdizes. Por fim o grande caçador de Madrid disparou a arma, e exclamou cheio de alegria:

— Lá caiu, lá caiu! Àquele já ninguém lhe vale!

E desapareceu por entre os choupos da margem do rio. Alguns momentos depois tornou a aparecer, mostrando triunfante um pássaro *ribeirinho* que acabava de matar!

As ilusões de Ângelo sofreram um novo golpe. Que caçada era aquela em que os caçadores se alvoroçavam tanto com a morte de um passarito? Para que serviam então tantas balas, tantas facas de mato e tantos sacos e correões de caça?!

Os caçadores treparam aos cerros de Santo Isidro, e Ângelo dirigiu a vista para o novo horizonte. Ali, como na porta de Toledo, não via para todos os lados para

onde olhava, senão áridas serranias, colinas escalvadas, umas poucas de árvores raquíticas, e alguns silvados e espinhais, contornando o regato de Luche.

D. Lucas não desanimava como Ângelo. Atravessando campos semeados, atrás de um pardal ou de uma cotovia, foi-se afastando, poupo e pouco, seguido pelos seus companheiros. Ângelo já se sentia fatigado, e outro tanto acontecia aos dois *improvisados* cães de caça. Sentou-se por fim numa pedra, e os cãesitos, vencidos igualmente de cansaço, deitaram-se num rego do campo; D. Lucas, porém, vendo isto, deu um empurrão à pobre criança, e afagando os cães, obrigou-a a carregar com eles. — “Tu que não podes leva-me às costas.”

Como D. Lucas seguisse a margem do ribeiro de Luche, saltou-lhe um coelho de entre os pés. D. Lucas disparou-lhe um tiro a corta-mato, porém o coelho prosseguiu no seu caminho sem ter sofrido o *mais leve incomodo*.

O caçador soltou uma praga e afirmou aos seus companheiros, que o coelho ia ferido, e que se não tinha morrido logo ali, a culpa não era sua, mas sim da pólvora, que não prestava para nada. E o pobre Ângelo que já não podia com o corpo, e menos ainda com a alma, continuava a segui-los, carregado com os cães.

Com estas e outras proezas foi passando o tempo, e os caçadores tomaram por último o caminho de Madrid, levando nos correões meia dúzia de passaritos.

De vez em quando Ângelo ficava para traz, e o sobrinho do banqueiro ajudava-o então a andar, proferindo uma praga, ou dando-lhe um pontapé.

Junto à porta de Toledo, encontraram um caçador, que levava quatro coelhos.

— Olá, tio Lobo! disse D. Lucas; pelo que vejo não lhe correu mal, hein?

— Assim, assim, snr. D. Lucas; e o senhor, que tal?

— Ora deixe-me, homem, estou desesperado com esta maldita pólvora.

— Então que tem? está úmida, talvez?

— Nada, úmida não está; mas não sei o que tem, que não presta para nada; dei hoje mais de vinte tiros, e vi fugir todas as peças de caça feridas.

— Pois a mim é que isso não acontece; a caça que me fugir preguem-m'a na testa. Tenho uma pólvora de contrabando, que não quero que haja melhor.

— Homem, vende-me vocemecê uns poucos de arráteis?

- Com muito gosto, snr. D. Lucas; qualquer dia destes lá lhos levo a casa.
- Muito bem. Vamos agora a ver esses *bicharocos*.
- Pode ver à vontade, que são quatro peças de caça asseadas.
- Isso vejo eu. Provavelmente são para vender na praça?...
- Está bem de ver, nem a gente vive de outra coisa.
- Pois, nesse caso, fico eu com os coelhos.
- Estão às suas ordens, snr. D. Lucas.
- E quanto lhe hei de dar por eles?
- Dá-me aquilo que o senhor quiser.
- Está bom, aí tem um duro, serve?
- Muito obrigado, snr. D. Lucas. O que eu desejo é que os senhores os comam com saúde. Até outra vez, se Deus quiser.
- Adeus, tio Lobo.

O *verdadeiro* caçador tomou a dianteira aos caixeiros de Quijano. D. Lucas tratou logo de enfeitar o seu correão com os quatro coelhos, e pouco depois entrava em Madrid, tão inchado que não cabia na rua de Toledo, e causando inveja àqueles que ainda pela manhã tinham zombado dele.

X

Dois ou três dias depois da famosa caçada, estavam no gabinete de D. João Quijano, palestreando junto do fogão, o banqueiro, seu sobrinho D. Lucas e quatro ou cinco amigos íntimos da casa.

Fora, no escritório, trabalhavam em silêncio os caixeiros e com eles Ângelo, cujas cores rosadas iam pouco e pouco desaparecendo, e cuja tristeza era cada vez mais profunda.

- Como vamos nós de caça, D. Lucas? perguntou um dos amigos.
- às mil maravilhas, respondeu D. Lucas.

— Meu sobrinho, acudiu o banqueiro, está sendo o rei dos caçadores! Pois não sabem que, domingo, teve a habilidade de se apresentar aqui com quatro coelhos, que pareciam quatro bezerros?!

— Que nos diz, homem?

— Nem mais nem menos, é como lhes conto. Aprendam como ele a matar coelhos onde ninguém os costuma matar, nos subúrbios de Madrid.

— Sempre queria saber como isso foi, disse um dos interlocutores.

— Tem pouco que saber, disse D. Lucas. Matei domingo quatro coelhos, junto ao ribeiro do Luche. Aquilo foi num abrir e fechar d'olhos, e é preciso advertir que a pólvora não prestava para nada.

— Não sei como isso se faz; eu cá, por mais voltas que dou, não sou capaz de levantar um coelho por estas vizinhanças.

— É porque os senhores são caçadores das dúzias! Eu por mim, nem sequer preciso de cão; havendo coelho, está pronto; faço-o saltar, e depois de lhe atirar, nem todos os santos lhe valem, porque onde eu puser a vista ponho o tiro. Pum! coelho a terra!... Os quatro de domingo foi um momento em quanto caíram.

— Pois, senhor, não tem que ver, é um bom caçador!

Disso está ele convencido. A caçada de domingo há de ser apregoada por toda a cidade; não fala de outra coisa a quantas pessoas aqui entram!

Estava ainda o sobrinho do banqueiro narrando, com toda a miudeza, como matara os quatro coelhos, quando entrou no escritório o tio Lobo, que ia levar a D. Lucas os dois arráteis de pólvora de contrabando, que este lhe encomendara.

— Esta aí o snr. D. Lucas? perguntou o caçador aos caixeiros.

— Sim, senhor, respondeu Ângelo.

— Pois faça favor de lhe dizer que está aqui fora o tio Lobo, que o procura.

O pequeno entrou no gabinete.

D. Lucas, que ainda não tinha acabado de contar como matara os quatro coelhos, ficou logo furioso por lhe interromperem a história, e antes que o pequeno tivesse tido tempo de falar, perguntou-lhe, com aquela amabilidade que lhe era própria:

— Que queres tu daqui, borrego?

— É que está ali fora o Lobo, respondeu Ângelo.

Desataram todos a rir, vendo a relação casual, que havia entre a pergunta e a resposta.

Não era para admirar que Ângelo omitisse a denominação de *tio*, que costumava preceder o nome do caçador, porque esse tratamento, que é tão vulgar em quase toda a Espanha, não se usava nem se usa, na sua província, senão quando o justificam os laços de consanguinidade. Julgando por tanto que se riam por não se haver explicado bem, ficou corrido de vergonha, e tratou de se fazer compreender melhor.

— Parece-me que é assim que tenho ouvido chamar-lhe; e acrescentou, “é aquele caçador a quem o senhor comprou domingo os quatro coelhos junto à porta de Toledo.”

Estas palavras de Ângelo foram acolhidas com uma gargalhada ainda mais ruidosa do que a anterior, porém menos inofensiva; uma gargalhada de mofa, insultante, sangrenta, e isto porque os caçadores têm dois grandes defeitos; são geralmente embusteiros e invejosos, e assim como não perdem a ocasião de mentir, também não perdem nunca o ensejo de humilhar os que caçam, ou supõem caçar mais do que eles.

D. Lucas ficou por espaço de um segundo imóvel, envergonhado e corrido; porém, de repente, injetaram-se-lhe os olhos de sangue, ingurgitaram-se-lhe as veias, e tornou-se completamente lívido e desfigurado.

Arremessou-se como um tigre sobre a pobre criança, vociferando e praguejando como possesso, e lançando-lhe as mãos ao pescoço, levou-a de encontro à parede e começou a descarregar-lhe furiosas patadas no estômago, antes que D. João e as outras pessoas, que se achavam presentes, tivessem tido tempo para se interpor entre aquela fera e o inocente cordeiro, que, por única defesa, invocava o nome de sua mãe.

Oh! tu, Fernán Caballero, nobre e generoso cantor do nosso bom povo espanhol, amigo dos pobres de espírito e dos ricos de coração, que tens cabeça de homem para pensar e alma de mulher para sentir; tu que és o amigo por excelência dos meninos e das mães, dos fracos e dos atribulados; tu que buscas e encontras as dores e as aflições do próximo, onde as almas vulgares as não descobrem, e que, com tanto sentimento e caridade, as pranteias, dize-me, meu bom Fernando, não achas que os sábios legisladores da humanidade tem sido extremamente cruéis e ignorantes, pondo os meninos debaixo da salvaguarda

do código, que protege os homens, em vez de os acobertar com a égide celeste do código que protege os anjos?!

XI

Alguns meses haviam já decorrido depois do dia em que Ângelo escapou, por milagre, de morrer às mãos de D. Lucas.

Era por uma aprazível manhã de primavera. A sala de jantar de D. João Quijano tinha uma janela, que olhava para o norte. Em quanto o banqueiro e sua mulher tomavam chocolate na sala, Ângelo fora para a varanda, e ali se conservava, com a vista imóvel e fixa na direção do seu país.

O pobre pequeno estava mais alto do que quando chegara das montanhas de Biscaia, porém tinha emagrecido consideravelmente. Cobria-lhe o rosto uma palidez mortal, e nos seus belos olhos, tão meigos e simpáticos, retratava-se-lhe a profundíssima tristeza que lhe ia n'alma.

— O que fazes tu aí, Ângelo? perguntou carinhosamente D. Joana.

O menino não respondeu.

— Oh! meu Deus! O que terá esta criança?! acrescentou a mulher do banqueiro, com verdadeira aflição.

— Não sei o que ele tem, Joana, mas ninguém me tira da cabeça que está doente desde que Lucas lhe bateu, apesar do médico dizer, passados quinze dias, que o considerava completamente restabelecido.

— Queira Deus que Lucas lhe não tornasse a pôr a mão.

— Não, filha; por isso fico eu. Mas vejo-o tão abatido e melancólico, que receio muito pela sua existência.

— Ai! Nossa Senhora permita que te enganes. Ângelo se chama e foi ele na verdade um anjo que trouxe a paz e a harmonia à nossa casa; porque, desde que para aqui veio esse menino, nós que sempre andávamos de rixa, estamos inteiramente mudados, e tenho fé em que ele há de acabar por abrandar e adoçar por uma vez este meu maldito gênio.

— Assim é, Joaninha, exclamou o banqueiro comovido; sempre esperei que quando tivesses um filho, se operaria em ti uma grande mudança. Não quis Deus conceder-nos essa ventura, mas enviou-te em compensação essa criança, a quem queres hoje quase tanto como se foras sua mãe.

— Quem sabe se o que tem o pequeno é um desejo ardente de voltar para a sua aldeia... suspirava tanto por isso, a princípio...

— Também me não parece que seja essa a causa do seu sofrimento. Desde que os pais lhe disseram numa carta, que era ele o único amparo com que contavam para a velhice, e que, se voltasse para a terra, nada poderia fazer em benefício deles, não cessa de dizer que está satisfeito em Madrid, e até quando alguma vez se encontra de bom humor, costuma repetir o provérbio “*de Madrid só para o céu*”.

— Pois é preciso mandar chamar o médico, porque se não cuidarmos dele vai cada dia a pior. Ângelo, acrescentou D. Joana, chamando novamente pelo menino.

Este deixou como assustado a imobilidade em que estava, olhou novamente com inefável languidez para o norte, e entrou na sala.

— Que tens tu, meu filho? perguntou-lhe com ternura D. Joana, correndo-lhe a mão pela cara.

— Não tenho nada, respondeu Ângelo.

— O que fazias na varanda?

— Nada; estava a ver o sol.

— Vamos, senta-te aqui, e toma chocolate conosco.

— Não me apetece.

— Mas o que é isso? O que te falta? Não te quero eu como se fora tua mãe?

O menino não respondeu; arrasaram-se-lhe os olhos de lágrimas, e os de D. Joana também.

— Olha, acrescentou esta, não vás outra vez para a varanda que te faz mal o sol; vai antes um bocado até ao escritório, não para trabalhar, mas para ver se te distraís com os teus companheiros.

Ângelo saiu da sala, e desceu a escada.

Às três horas, subiram para jantar D. Lucas, e os dois caixeiros Manoel e Mariano.

— Onde ficou Ângelo? perguntou D. Joana.

— Não veio cá para cima.

— Virgem santíssima! Onde estará então a pobre criança?!

— Talvez se fosse deitar.

— D. Joana correu pressurosa ao quarto de Ângelo, e foi encontrá-lo na cama.

— O que quer isso dizer, filho? O que tens?.. Estás doente?

— Sim, minha senhora, respondeu Ângelo com voz sumida.

— Então o que te dói?

— Não me dói nada, mas sinto-me doente.

— Turíbio! Turíbio! vai, corre chamar o médico, que está o menino doente, gritou da escada D. Joana.

Pouco depois chegou o médico. Tomou o pulso a Ângelo, e fez um gesto de mau agouro.

— É coisa grave? perguntaram a um tempo, e com ansiedade, D. Joana e o banqueiro.

— Gravíssima, respondeu o médico... e observando-o novamente, acrescentou, em voz baixa, dirigindo-se ao dono da casa; — está quase a morrer.

Ângelo abriu por um momento os seus meigos olhos, cujo brilho estava já empanado pelo sopro da morte, volveu-os para a imagem do Senhor crucificado, como querendo expressar-lhe profunda gratidão, e fechou-os logo, para nunca mais os tornar a abrir.

Todos prorromperam em amargo pranto, à exceção de D. Lucas.

— E de que morreu? perguntou este ao médico, que tinha antecipadamente interrogado a família acerca dos padecimentos de Ângelo.

— Morreu, lhe tornou o médico, de uma afecção moral, para cujo desenvolvimento contribuíram por certo padecimentos físicos. Os meninos são homens no sentimento, e crianças no vigor; por isso Deus amaldiçoa os seus opressores. Este menino morreu da mais santa de todas as enfermidades; morreu de *Nostalgia*.

O MADEIRO DA FORÇA

I

A grande montanha de Colisa, que se ergue entre as Encartações de Biscaia, e a demarcação jurídica de Castela, era na idade média uma espécie de Tebaida, onde faziam vida penitente alguns anacoretas, aos quais se atribui a edificação do santuário que a coroa.

Sendo eu criança, e caminhando com minha piedosa mãe por uma montanha das Encartações, paramos a descansar, ao descobrir o vale onde habitávamos.

Era por uma tarde aprazível de verão. O sol escondia-se por detrás dos montes, que recortavam o horizonte, e nas quebradas das serras ouviam-se os chocalhos do gado, que descia ao vale; em baixo, na planície, saiam as raparigas das herdades, e pondo à cabeça as suas bilhas, dirigiam-se, cantado, à fonte do *Castanhal*, para que seus pais e irmãos achassem em casa água fresca, quando, ao soar o toque da oração, lançando ao ombro as enxadas, e rezando as Ave-Marias, se encaminhassem para o lugar.

Do cimo do outeiro coberto de fragrantas margaridas, brancas de neve, onde minha mãe e eu estávamos sentados, contemplando o nosso querido e formoso vale, em um de cujos extremos avistávamos, meia oculta por frondoso arvoredo, a nossa aldeia ainda mais querida e saudosa, descobria-se o santuário de Colisa.

Entramos a falar daquela ermida, e minha mãe, que tinha uma fé santa e cega nas tradições religiosas, que brotam e vivem à sombra dos santuários das montanhas, sem que possam os séculos alterar-lhes o viço e a frescura, prendeu-me a atenção, e comoveu-me deveras a alma contando-me o que, a meu turno, vou contar-vos.

Vivia nas solidões de Colisa um santo ancião, chamado Cosme, que passava uma terça parte da sua existência entregue à adoração e glorificação de Deus, e o restante guiando e socorrendo os viajantes, que atravessavam aquelas montanhas; e isto pela razão de que, naquele tempo, como as guerras de partidos ensanguentassem de contínuo os vales, fugiam deles os caminhantes, e transitavam pelos montes mais desertos, e afastados do comercio dos homens.

Sempre que Cosme socorria algum viandante extraviado, ou extenuado de fome e cansaço, ao soar o toque de Trindades na igreja de Valmaseda, que se avistava lá em baixo, no pé da montanha, aparecia-lhe um anjo, que lhe sorria amorosamente, e que logo se remontava ao céu, deixando-o imerso em mística alegria.

Um dia, de manhã, estando os montes cobertos de mui densa névoa, saiu Cosme da miserável choça, onde vivia vida penitente, e pôs-se a divagar por aqueles bosques espessos e fragosos, a ver se encontrava alguns caminhantes, que neles se houvessem extraviado, e, de repente, deu de cara com uns poucos de homens, que levavam outro manietado.

— Porque vai preso esse infeliz? lhes perguntou ele.

— Porque é um grande criminoso, a quem a justiça condenou à morte, lhe responderam.

— *Quem as faz paga-as*, disse o anacoreta, dando tréguas à sua compaixão.

Os executores da justiça de Valmaseda detiveram-se mais acima, numa encruzilhada, pegaram num grande madeiro seco, que, havia muitos anos, estava estendido ao lado do caminho, fixaram as extremidades desse madeiro seco nos primeiros galhos de duas árvores paralelas, lançaram um laço ao pescoço do criminoso, e suspenderam-no daquela forca improvisada, voltando a Valmaseda apenas se certificaram de que ele tinha expirado.

II

Nesse mesmo dia em que, por sentença do tribunal de Valmaseda, foi enforcado um grande criminoso, no caminho de Colisa, salvou Cosme da morte muitos viandantes, que, sem o seu auxílio, seriam devorados pelas feras, ou se teriam despenhado nos precipícios daqueles temerosos desvios, então mais temerosos do que nunca, por causa da espessura do nevoeiro.

Recolheu-se à sua morada, agradecendo a Deus o haver-lhe dado forças para socorrer os seus irmãos, e, apenas chegou, feriu-lhe o ouvido o toque da oração, que soou, lento e solene, na longínqua torre da igreja de Valmaseda. — O anjo porém não lhe apareceu naquela noite!

O santo ermitão encheu-se de terror, com a lembrança de que teria ofendido a Deus, visto que o anjo se furtava aos seus olhos; mas por mais que pesou as palavras, que proferira, as suas obras e pensamentos de todo o dia, não lhe foi possível atinar com o agastamento do Senhor.

Aquela noite passou-a toda em continua oração; chorou, macerou o corpo, pediu a Deus perdão e misericórdia para as suas faltas, e logo que raiou a aurora, como a montanha se conservasse coberta de espessa névoa, saiu em auxílio dos caminhantes.

De repente achou-se na encruzilhada, e ao ver diante de si a forca, da qual pendia ainda o cadáver do criminoso, justicado no dia antecedente, recuou cheio de repugnância e movido de espanto; e levantando a vista acima do cadáver, que estava preso da corda, viu o anjo pousado no madeiro da forca.

O anjo, longe de lhe sorrir então amorosamente, como de costume, olhava-o com semblante severo e carregado.

Cosme parou; e com quanto ignorasse qual fosse a sua culpa, lançou-se de joelhos, sobressaltado e cheio de terror, ergueu as mãos para o anjo, e implorou perdão e misericórdia.

— Cosme! disse-lhe então o anjo, incorreste no desagrado do Senhor e precisas fazer grande penitencia para recuperar a sua proteção. Ontem, em vez de confortar e consolar o desgraçado, que está pendente desta forca, escarneceste-o, e olhaste com indiferença para a sua tribulação. Desprende o seu cadáver da forca, sepulta-o em sagrado, e lançando em seguida esse madeiro aos ombros, leva-o pelo mundo, e seja ele o único travesseiro, em que descanses a cabeça.

— E poderei eu ainda um dia obter o perdão da minha culpa? exclamou Cosme lavado em pranto de arrependimento.

— Sim, lhe tornou o anjo. Quando desse madeiro brotar um ramo verde, é que o Senhor te perdoou.

Dito isto, subiu o anjo ao céu, cercado de músicas misteriosas e de brilhantes resplendores.

Cosme acercou-se animosamente do cadáver suspenso da forca, desprende-o e deu-lhe sepultura; pegando em seguida no madeiro, cujos extremos se apoiavam nos primeiros galhos de duas árvores fronteiras, foi com ele aos ombros pelo mundo, segundo as indicações, que o anjo lhe havia dado.

III

Andava Cosme pelo mundo com o madeiro da forca ao ombro, e toda a gente o escarnecia e fugia dele horrorizada.

Uma noite, tendo perdido a esperança de encontrar asilo entre os homens, penetrou num bosque, esperando encontrá-lo no meio das feras, e vendo uma luzinha através da espessura, encaminhou-se para ela, e deu consigo à porta de uma cabana, onde uma velhinha dormitava, junto do lume.

— Santinha, disse ele à velha, com voz suplicante, deixe-me, pelo amor de Deus, passar aqui esta noite.

— Não pode ser, lhe tornou a velha, porque tenho dois filhos, que são bandidos, e que devem chegar dentro de uma hora; se aqui o encontrassem, com certeza o matavam.

Cosme confiava piamente na promessa, que o anjo lhe tinha feito de que o senhor lhe perdoaria, e como visse que o madeiro da força não tinha sinais, que indicassem que estava para rebentar, de onde se depreendia que vinha ainda longe o momento da sua morte, insistiu em pedir à velha que lhe desse pousada, no que ela, por último, conveio, esperando conseguir dos filhos que o não assassinassem.

Estava Cosme exausto de forças e, retirando-se para um canto da choupana, pousou no chão o madeiro da força, e deitou sobre ele a cabeça.

Condoída a velha de o ver descansar em travesseiro tão duro, ofereceu-lhe um feixe de cheirosa erva do monte, mas Cosme o recusou, dizendo: — ofendi o Senhor, dizendo a um criminoso a quem levavam à força: “*quem as faz, paga-as*”, e para que o Senhor me perdoe, vou pelo mundo carregado com este madeiro, que deve ser o único descanso da minha cabeça, até que dele brote um ramo verde, que será o sinal de que o Senhor me perdoou.”

— Ai! exclamou a velha, rompendo num choro inconsolável, se é tão difícil para quem se arrepende e unicamente pecou por palavras o alcançar o perdão do Senhor, quanto o não será para esses infelizes, que, como os meus filhos, pecam todos os dias por palavras e obras, e não têm no coração um vislumbre sequer do arrependimento.

O ancião adormeceu com a cabeça deitada no madeiro da força.

Uma hora depois, chegaram os bandidos, e ao verem-no, arrancaram dos punhais para o assassinar.

A mãe, porém, contou-lhes a história daquele ancião, e pediu-lhes de joelhos que, longe de o matarem, se arrependessem, como ele, das suas enormes culpas.

— Pois bem, perdoe-se-lhe a vida, responderam os bandidos, fazendo entrar os punhais na bainha, e acrescentaram, soltando uma gargalhada de escárnio:

— Quanto ao arrependimento, havemos de o ter quando brotar o tal ramo verde desse madeiro seco.

Principiaram os bandidos a cear. Quando acabaram, dirigiram a vista para o canto da cabana onde dormia o velho, e viram, com assombro, que do madeiro seco tinha brotado um ramo verde e mimoso! Romperam então em amargo pranto, rogando a Deus que lhes perdoasse as suas culpas.

Ao som de tais vozes acordou Cosme, e ao ver que do madeiro seco tinha brotado uma vergôntea verde e louçã, expirou de alegria; e o anjo baixou, sorrindo amorosamente, a tomar conta da sua alma, e a levá-la consigo para o céu.

A NECESSIDADE

I

Ainda hoje existe, junto à confluência de dois rios, um formoso castanheiro, a cuja sombra eu me sento, sempre que por ali passo, haja ou não haja calor, e isto pela razão muito natural de que, sendo eu criança, costumávamos sentar-nos, minha mãe e eu, à sombra daquela mesma árvore, quando íamos a uma aldeiazinha, que ficava perto da nossa. A pequena Distância do castanheiro vêem-se ainda as ruínas de um moinho, tais quais eram nos tempos saudosos da minha infância; e a lembrança de minha mãe, do castanheiro e das ruínas, faz-me recordar de um conto, que ela me contou, em uma tarde de verão, ao pé da árvore frondosa, a cuja sombra, graças a Deus! ainda posso sentar-me.

O último moleiro, que habitou o moinho, era conhecido naquelas redondezas pelo apelido de Sêneca; e vejam lá, não vão mudar para o primeiro o acento que pus sobre o segundo “e” deste apelido, pois que o moleiro de quem estou falando, e que minha mãe conheceu e tratou, era tão modesto, que ainda hoje no céu se veria muito aflito e contrariado, se o confundissem com o filósofo cordovez.

Não tinha Sêneca pretensões a filósofo, mas era-o até sem querer, e a isto devia ele indubitavelmente o seu apelido, em cuja aplicação não podemos deixar de reconhecer uma filosofia muito profunda; se não, reparem os leitores, e digam-me se não é bem admirável a do povo, que, com a mudança de um simples acento, marca o abismo, que separa o filósofo da natureza do filósofo do estudo! Tinha eu que fazer, se quisesse referir os muitos rasgos de engenho e sã filosofia com que Sêneca *ilustrou* a sua trabalhosa e modesta vida, e portanto limitar-me-ei a referir um dos que mais Cativaram minha pobre mãe, de quem herdei o gosto que tenho pelas recordações da infância.

II

Sêneca não tinha outra família senão um filho de dez anos, nem outras cavalarias senão um burro de vinte. Morreu-lhe a mulher, que era quem ficava no moinho, curando das moagens, enquanto ele andava com o burro, levando e trazendo foles por aldeias e casais, e o pobre Sêneca viu-se então em graves embaraços, porque os seus ganhos lhe não permitiam tomar uma criada, que substituísse sua mulher no moinho, nem um criado, que o substituísse a ele no transporte dos foles.

— E como te hás de tu arranjar agora? Ihe perguntavam os vizinhos, quando o viram viúvo, e sem outro auxílio mais que o do pequeno.

— Não me dá isso cuidado, respondia Sêneca, não faltará quem me ajude.

— Isso é bom de dizer; mas quem te há de ajudar?

— Quem?... A Necessidade.

Os vizinhos punham-se a rir do bom humor de Sêneca, porém sem compreender o que ele queria dizer na sua.

Uma certa manhã aparelhou Sêneca o *burraco*, pôs-lhe em cima um saco, que continha quatro alqueires de farinha, e chamando o pequeno, disse-lhe:

— Rapaz, toma o burro pela arreata, e leva-me esta carga à padaria de Somorrostro.

O pequeno *desatou* a chorar.

— Que é lá isso, homem? perguntou-lhe o pai.

— Que há de ser de mim pelo caminho, se o burro cair, ou se espojar no chão! exclamou o rapazito, sem cessar de chorar.

— Não te dê isso cuidado, disse Sêneca; se tal acontecer, não faltará quem te ajude a levantar o burro.

— E quem é que me há de ajudar nessas vezes tão solitárias, que não se encontra por elas viva alma?!

— Quem? A Necessidade. Se o burro cair, ou se deitar no chão e se não poder erguer, chama pela Necessidade, e verás como logo acode em teu auxílio.

— Está bem, disse o pequeno, limpando as lágrimas com a manga da jaqueta; e pegando na corda do burro, tomou pela margem do rio, caminho de Somorrostro, que distava uma légua do moinho.

— Ora, ora, ora! Sempre este Sêneca tem coisas!... diziam os vizinhos, ao verem o rapazito com o burro atrás de si. Com que então a Necessidade, com cujo auxílio contava Sêneca, para levar e trazer os foles, era essa pobre criança?!... E o pequeno, quem é que o há de ajudar?

III

Seguia o filho de Sêneca com o seu burro à arreata ao longo dos carvalhais, que assombram as margens do rio, que corre pelo vale profundo, que separa Somorrostro de Galdámez e Sopena, quando, ao chegar a um pequeno areal muito suave, fez o burro esta reflexão:

— Ai! que bela cama para eu descansar um pouco!... e então, se eu pudesse soltar esta maldita carga, que me vai amolando as costelas!

E de repente, antes que o pequeno olhasse para traz, estirou-se ao comprido no meio do chão.

— Ai! minha mãe!... exclamou o rapazinho aterrado; — porque convém saber que em Espanha, e com especialidade na Biscaia, não só aos pequenos como também aos grandes, o primeiro auxílio que lhes ocorre invocar nas maiores aflições, é sempre o de sua mãe, ainda mesmo que já a tenham no céu.

E pegando numa vergasta começou a zurzir o burro sem dor nem piedade; porém o animal, por mais esforços que fazia para se levantar, não o podia conseguir.

Estava já o pequeno quase a chorar, quando se lembrou do conselho, que o pai lhe havia dado, e, em vez de dar largas ao pranto, começou a gritar:

— Necessidade! Necessidade! faz-me o favor de vir aqui ajudar-me a erguer este burro?!

O pequeno bem olhava para todos os lados, a ver se aparecia a Necessidade, mas não via ninguém. Já cansado de chamar e de esperar pela Necessidade, desatou o arrocho, que prendia o saco ao aparelho do burro, e aliviou-o da carga; em seguida deu-lhe uma vergastada e o animal ergueu-se de um salto. Então o pequeno tomou o burro pelo cabresto, levou-o para junto de uma ribanceira, e rolando o saco até lá, pôde, a muito custo, colocá-lo em cima do animal; apertou-o bem com o arrocho, montou-se sobre a carga, atirou uma pancada ao burro, e prosseguiu no seu caminho, mais alegre que umas páscoas.

Passada uma hora chegava o rapaz ao moinho, cantando e fazendo trotar o seu *ginete*.

— Olá, pequeno, disse-lhe o pai, apenas o avistou, como te foi pela tua viagem?

— Muito mal, meu pai.

— Então o que te aconteceu, homem?

— Deitou-se o burro no caminho, e, por mais pancadas que lhe dei, não foi capaz de se levantar.

— E então o que fizeste?

— Desprendi a carga, levei o burro para o pé de uma ribanceira, fui rolando o saco até lá...

— Bem, bem, já percebo. Quer isso dizer que chamaste pela Necessidade, não é assim?

— Chamei, chamei; fartei-me até de chamar; mas não apareceu...

— Rapaz, disse Sêneca, vê como tu te enganas; — quem te levantou e carregou o burro não foi senão a Necessidade.

Tinha razão Sêneca, e também eu a tenho para dizer aqui que a necessidade presta tanto auxílio e tamanhos benefícios ao homem, que não sei como ainda lhe não deram a cruz de beneficência.

A PORTARIA DO CÉU

I

O tio Paciência era um pobre sapateiro remendão, o qual ganhava honradamente o pão de cada dia, mete que mete a sovela e puxa que puxa o fio, em um portal de Madrid, e devia o apelido por que era conhecido à resignação com que sempre tinha sofrido os muitos trabalhos, que o Senhor Ihe havia dado.

Ao tempo da constituição de 1820, era já rapaz dos seus quinze ou dezesseis anos, mas tinha a inocência de uma criança de oito, e como ouvisse a cada passo dizer que todos os homens eram iguais, perguntou ao mestre se aquilo seria verdade.

— Não acredites nessas cousas, Ihe respondeu o mestre. Só no céu é que os homens são iguais.

Sentiu o rapaz que não acontecesse outro tanto na terra, mas consolou-se com a idéia de que o eram no céu, e quando algum freguês da loja convidava o mestre para beber uma pinga na taberna próxima, dizia com os seus botões o pobre aprendiz:

— Pena é que não sejamos todos iguais na terra, como sucede no céu, porque se assim fosse, por certo que o freguês me não diferenciaria do mestre, e, como ele, iria eu também agora à taberna beber a minha pinga; mas, acabou-se... paciência... no céu seremos todos iguais.

Passados dois anos, coube-Ihe a sorte do recrutamento; então mais do que nunca teve ele motivo para lamentar que os homens não fossem iguais na terra como no céu, por isso que na sua companhia havia soldados distintos, e cabos, sargentos e oficiais, que provavam ser verdade aquilo que o mestre Ihe tinha dito acerca da igualdade humana; porém consolava-se ainda o pobre rapaz, pensando que no céu se acabariam as distinções, e todos seriam iguais.

Deixou de servir o rei, e aproveitando-se do pouco que sabia do ofício de sapateiro, estabeleceu-se num portal, e ali passou o resto dos seus dias, conformando-se com as privações que sofria, na esperança de ir para o céu e gozar então dessa igualdade, que não encontrara na terra.

No andar nobre da casa, cujo portal ocupava, vivia um marquês, que por certo muito o houvera magoado com o espetáculo da sua opulência, se não fora um

excelente homem, e a não ser tamanha a sua paciência, e sobre tudo tão arraigada no seu coração a esperança de lhe poder dizer um dia no céu: “meu amiguinho, aqui todos nós somos iguais.”

Não era porém só o marquês que lhe fazia sentir, que não fossem todos os homens iguais na terra; até os seus amigos mais íntimos queriam diferenciar-se dele. Estes amigos eram o tio Mamerto e o tio Macário, homens de tão boa conduta, que não podia o tio Paciência viver sem a sua honrada companhia.

O tio Mamerto tinha uma paixão desenfreada pelos touros, e passava por ser muito entendido em matéria tauromáquica.

Quando, no reinado de Fernando VII, se criou uma escola para ensinar esta ciência, esteve o bom do homem quase a ser nomeado *lente catedrático* da faculdade, e este precedente era o bastante para que ele se considerasse superior ao tio Paciência, o qual, reconhecendo esta superioridade, se consolava pensando que, se o seu querido amigo e ele não eram iguais na terra, o seriam por certo no céu.

O tio Macário era muito feio, mas casou com uma mulher lindíssima, porém levadinha da breca.

Ao cabo de vinte anos de um viver amargurado, morreu-lhe o demônio da mulher, e o pobre homem ficou tão descansado que lhe parecia ter entrado no céu; passados tempos, enamorou-se de outra rapariga, que não ficava a dever nada à primeira, e casou segunda vez, apesar de todos os esforços que o seu amigo, o tio Paciência, fez para lhe tirar isso da cabeça. Ora, como o tio Paciência nunca tinha conseguido que as mulheres se agradassem dele, ao passo que do tio Macário se agradavam aos pares, julgava este ter certa superioridade sobre o primeiro, que, da sua parte, não deixava também de a reconhecer, e que deveras se teria afligido com isso, se não fora a lembrança de que o seu bom amigo e ele seriam iguais no céu, já que na terra o não podiam ser.

O tio Mamerto era capaz de ir até ao fim do mundo para assistir a uma corrida de touros; tanto assim, que até costumava dizer: “Parece-me que trocava de bom grado a glória eterna por uma boa tourada”, ao que o tio Paciência replicava sempre, agastado: “Homem, não digas heresias, que não vá Deus castigar-te.”

Um dia em que os pássaros caíam das árvores, assados pelo sol, havia em Getafe uma corrida de garraios; o tio Mamerto, foi vê-los, à *pata*, segundo o seu costume, e, de volta a casa, acamou com uma febre, que o levou desta para melhor vida.

No mesmo dia estava muito mal, na cama, o tio Macário, por causa de uma tremenda coça que a mulher lhe tinha dado, porquanto se a primeira mulher lh'as dava grandes, a segunda não lhe ficava atrás. A mulher, que nunca perdia a ocasião de lhe comunicar uma boa notícia, deu-se pressa em lhe participar, que o tio Mamerto tinha *esticado a canela*, e ouvindo isto, o pobre Macário, que já não estava para muitos sustos, *esticou* também a sua.

Como eu já disse, não podia o tio Paciência viver sem os seus dois amigos, porque lhes queria muito. Estranhando que, em todo o dia, eles lhe não tivessem aparecido para palestrar um pouco e fumar um cigarro na sua companhia, quando à noitinha deixou o trabalho, foi procurá-los, e soube então que ambos tinham morrido. Essa notícia causou-lhe um abalo enorme, e, naquela mesma noite, tomou atrás deles o caminho do outro mundo, com a grande consolação de que ia finalmente para onde todos os homens eram iguais.

Toda a vizinhança sentiu muito a morte do tio Paciência, pois todos depositavam tamanha confiança na sua honradez e no seu carácter dócil e serviçal, que, quando careciam de trocar algumas notas do banco de Espanha, encarregavam disso o tio Paciência, que era capaz de morrer arrebetado, para dar conta da incumbência.

Na manhã seguinte à morte dos três amigos, o bruto do criado particular do marquês, quando entrou no quarto, teve a imprudência de dizer a seu amo que o sapateiro do portal morrera, ao saber que dois amigos seus tinham faltado quase de repente. E como o marquês era um fidalgo muito apreensivo, e corriam uns certos rumores de cólera em Madrid, assustou-se tanto com a saída de sendeiro do bruto do criado, que, poucas horas depois, era cadáver, com grande desgosto da pobreza do bairro. E por todas as partes se se ouvia dizer: “Estes homens, assim, nunca deviam morrer.”

II

O tio Paciência empreendeu a jornada do céu, muito contente com a esperança de gozar da glória eterna, de viver em um mundo onde todos os homens eram iguais, e finalmente de encontrar ali os seus queridos amigos Mamerto e Macário. Com relação porém a este último pensamento não deixava ele de ter suas duvidas, porque dizia lá para os seus botões:

— E se lhe não querem abrir as portas do céu?! Eles foram sempre homens de bem às direitas; mas o demônio da paixão de Mamerto pelos touros, e a tolice do Macário de casar segunda vez, tendo-se saído tão mal da primeira, fazem-me recear que lhes dêem com a porta na cara.

Para sair um tanto de duvida, perguntou a um viandante se tinha visto passar por ali dois sujeitos, com estes e aqueles sinais; e como ele lhe respondesse afirmativamente, prosseguiu o tio Paciência no seu caminho, mais alegre que umas páscoas.

O caminho do céu era escabroso e áspero, e essa era por certo a razão porque nele se não encontrava senão gente pobre e habituada à fadiga.

Impressionado o tio Paciência por não ver nenhum *figurão*, entre tantos caminhantes, dizia, de si para si:

— Não admira que os homens ricos não façam esta viagem, porque teriam de fazê-la no cavalinho de S. Francisco. Se pudessem empreendê-la de carruagem, os diabos me levem, se não víamos por aqui mais trens do que no Prado e na Fonte Castelhana.

O tio Paciência interrompeu as suas reflexões ao ver aproximar-se, vindo do lado do céu, um homem, que chorava como um bezerro, e dava mostras da maior desesperação. Era nada mais nem nada menos do que o tio Mamerto.

O tio Paciência sentiu uma pancada no coração, anunciando-lhe alguma desgraça, quando reconheceu o seu amigo.

— O que tens tu, homem? perguntou ele ao tio Mamerto.

— Que demônio hei de eu ter! Se eu não fosse um bruto, como não há segundo, não me fechavam para sempre as portas do céu!

— Mas então como foi isso? explica-te com a breca, que me tens o coração em talas. Aposto que não foi senão por causa da maldita paixão pelos touros.

— Parece-me que concorreu.

— Vamos, por quem és, conta-me o que se passou.

— Cheguei à portaria do céu, e encontrei ali uma porção de gente, que estava à espera de vez para entregar os passaportes para o outro mundo. O porteiro, que visava os papéis, com a sua grande calva à *mostra*, e o seu molho de chaves na mão, levava a coisa com toda a pachorra, e moía-os com perguntas, primeiro que permitisse a entrada. Eu, que, como é bem natural, estava morto por me ver lá dentro, disse com os meus botões: — Este velho, com os seus vagares, é capaz de me conservar aqui de fora até à noite. Pois deixa estar, que se te pilho distraído, atiro contigo lá para dentro, ainda que depois me cortes uma orelha, como fizeste ao pobre Malco. Estava eu a pensar neste expediente, quando vejo o porteiro armar uma questão com um pobre diabo, a quem não deixava entrar,

com o pretexto de ter sido apaixonado de touros. Aí temos nós os touros! disse eu, ao ver aquilo. O velhote é capaz de me fazer esperar uma eternidade, e por fim, se chega a saber que também fui afeiçoado às touradas, nega-me a entrada, como aconteceu com o outro. E que faço eu? Assim que o porteiro deu uma volta: zás! *raspo-me* lá para dentro. Já dava graças a Deus pela minha resolução, e vai senão quando o porteiro, dá-lhe na cabeça contar quantos estavam na portaria, e conhece que lhe falta um.

— Falta-me aqui um! grita enraivecido, e aposto uma orelha que não é senão o madrilenho. Ou ele não fosse de Madrid, o maroto, que se escoou lá para dentro como um gato: deixa estar que já vamos ajustar contas!

— Ó meu senhor, disse da banda um adulador, que tinha assim jeitos de cortesão, quer que eu lh'o saque de lá para fora por uma orelha?

— Deixemos-nos de orelhas, respondeu o velhote; e chamando uns músicos, a quem falava com muito agrado, porque parece que lhe tinham sido recomendados por Santa Cecília: Toquem lá a música da saída do touro!

Os músicos começam de tocar, e eu (sempre sou muito bruto!) ao ouvir aquele toque, julgo que há corrida de touros na portaria, e saio muito lépido a vê-la; de repente, o porteiro fecha a porta e deixa-me ficar de fora, com uma cara de palmo e meio, dizendo-me:

— Vá já para o inferno, seu meliante, que uma paixão por touros como essa, não pode Deus perdoá-la.

E aqui tens tu, querido Paciência, como eu vou caminho do inferno por causa da minha maldita mania pelas touradas!

O tio Paciência prorrompeu em amargo pranto ao ver a infelicidade do seu velho amigo, e esteve quase a pregar-lhe um sermão, mas não o fez por se lembrar de que era pregar no deserto; ambos continuaram, por último, o seu caminho; o tio Paciência o do céu, que era costa acima, e o tio Mamerto o do inferno, que era costa abaixo.

— Querem ver que também me acontece alguma na portaria? O tal senhor porteiro tem um geniozinho endemoninhado!

Isto dizia o tio Paciência, seguindo sempre o seu caminho, quando avistou outro homem, que vinha do lado do céu. Este não se carpia, nem se arrepelava; trazia porém a cabeça baixa, e denotava profunda tristeza.

— Esperem! disse o tio Paciência. Os diabos me levem se aquele não é o tio Macário! Pois que? Não é senão ele!

Com efeito, o tio Macário era o da cabeça baixa.

Os dois amigos abraçaram-se comovidos.

— Tu por aqui, Paciência! disse o tio Macário. Para onde vais, homem?

— Ora, para onde hei de eu ir? Vou para o céu.

— Duvido muito que lá entres.

— Então porque?

— Porque é difícilimo entrar lá.

— E em que consiste a dificuldade?

— Consiste em ser o porteiro o velho mais caturra, que eu tenho visto. E para prova, basta o que se deu comigo.

— Conta depressa.

— Uma frioleira! Chegamos, eu e outro, à porta; chamamos, e aparece-nos o porteiro, com a sua grande calva e o competente molho de chaves na mão.

— Que é o que querem? pergunta ele.

— Essa não está má! o que havemos nós de querer senão entrar?

— Você é casado ou solteiro? pergunta o velho ao meu camarada.

— Casado, responde o tal sujeito.

— Nesse caso pode entrar, que basta essa penitência para um homem ganhar o céu; e isto por maiores que sejam os pecados, que haja cometido.

E o meu companheiro entrou lá para dentro.

— Cáspite! disse eu com os meus botões; se aquele ganhou o céu por se ter casado uma vez, com mais razão o devo eu ter ganho por me haver casado duas. E larguei atrás do meu companheiro.

— Onde vai o senhor? perguntou o porteiro, detendo-me por uma orelha.

— Homem, o senhor deve estar farto de o saber! Vou para o céu.

— É casado ou solteiro?

— Casado duas vezes à falta de uma.

— Duas vezes?!

— Sim, senhor, duas vezes.

— Pois vá para as profundas do inferno, que tolos desse lote não têm entrada no céu.

E aqui vou eu, amigo Paciência, caminho do inferno! São coisas que só a mim acontecem!...

— É bem feito, disse o tio Paciência, entre compadecido e indignado da parvoíce do seu amigo. Não te dizia eu que não podia obter perdão de Deus quem duas vezes se casasse?

O tio Paciência já não ia muito satisfeito e tranquilo, ao aproximar-se das portas do céu, porque as notícias que recebera do geniozinho do tal porteiro, eram, na verdade, para intimidar o mais pintado.

— Vamos, tio Paciência, dizia ele, é preciso que não desmintas, nesta ocasião, o apelido que te puseram, porque, se consegues catequizar o porteiro, colas-te lá dentro, e depois é que já ninguém te dá volta. O velhote é esquisito de gênio, caturra e curioso como todos os porteiros... Mas também, deve a gente lembrar-se de que o pobre do homem é tão velho, que já não pode com os calções, e devemos ser indulgentes para com os velhos como para com as crianças, porque os extremos tocam-se. Demais, a paciência é uma virtude, que o próprio Jesus recomendava ao apóstolo S. Pedro, como se vê da seguinte cantiga:

Era S. Pedro na calva
perseguido do mosquito,
e o Mestre lhe dizia:

— Tem paciência, *Periquito!*

Ao terminar estas reflexões, avistou o tio Paciência as portas do céu, e estremeceu de alegria, lembrando-se de que estava já a meio quilômetro de Distância do mundo onde todos os homens eram iguais.

Chegou finalmente à portaria, e viu que não havia lá viva alma, o que deveras lhe agradou, porque assim não se expunha a morrer arrebitado, como quando ia trocar notas ao banco de Espanha.

Deu uma aldrabada pequena na porta, e um velho, que não tinha um pelo na cabeça, abriu o postigo e perguntou-lhe:

— O que quer você daqui?

— Ora, o Senhor lhe dê muito boas noites, lhe tornou o tio Paciência, com a maior humildade, tirando o chapéu. Como passou? Passou bem?

— Muito bem, muito obrigado. Mas o que queria o senhor?

— E a senhora e os meninos estão de saúde?

— Homem, despache daí, diga o que quer.

— O senhor não tem senão desculpar... mas... nada... eu... vinha ver se o senhor me deixaria entrar.

— Sente-se aí, nesse banco, e espere que venha mais gente, que não se pode andar sempre a abrir e a fechar esse maldito portão, que é mais pesado que um marido jogador.

— Está bem, senhor, essa é boa; faça favor de perdoar.

— Não há de quê.

O velhote fechou o postigo, e o tio Paciência, a quem as últimas palavras, que ouvira, deram alma nova, sentou-se num banco, e começou o seguinte solilóquio, para passar o tempo:

— O tal senhor porteiro é realmente um grande caturra. Quem diabo podia supor que o homem se esquentaria por eu o cumprimentar como Deus manda! Mas apesar de ter o gênio um tanto assomado, bem se conhece que é um santo. Pois, senhor, esperemos aqui, no banco da paciência.

Estava o tio Paciência entretido a apertar um cigarro, quando, ouvindo uma tremenda aldabrada na porta, que por pouco a fazia em hastilhas, ergueu a cabeça, e viu então que a pessoa, que com tanta arrogância chamava, era nem mais, nem menos, que o seu visinho marquês.

— É melhor bater com a cabeça! gritou de dentro o porteiro, ao ouvir aquele barulho. Quem é o bruto que chama assim?

— O Excelentíssimo senhor marquês de Pelusilla, grande de Espanha de primeira classe, cavaleiro de todas as ordens criadas e por criar, senador do reino, etc., etc.

Mal isto ouviu, o porteiro abriu de par em par a porta, quebrando pelo espinhaço com muitas reverências, e exclamando:

— Perdoe v. exc.^a se o fiz esperar algum tempo, mas... é que eu não supunha, que tivéssemos por cá tamanha honra. Queira v. exc.^a entrar, que, pela *balburdia* que lá vai por dentro, é de crer que já tenha corrido a notícia de que temos por estes bairros o cavalheiro mais ilustre e mais rico de toda a Espanha.

Com efeito o céu estava alvoroçado com a chegada do marquês, para o qual começava a improvisar-se uma recepção esplendida. Repicavam os sinos, e os foguetes cortavam o ar em todas as direções; já não havia uma varanda, nem uma janela de onde não pendesse um cobertor de damasco, ou quando menos uma colcha de chita, modesta, mas vistosa. As imprensas vomitavam versos (ih! que nojo!) em louvor do marquês; os garotos *esganiçavam-se* todos a dar vivas a sua excelência; as virgens largavam a costura, e vestindo-se de branco, e pondo na cabeça a sua grinalda de flores, lançavam mão da lira, e tocavam e cantavam como desesperadas; desde as charangas das ruas até a orquestra do teatro real, todas as músicas faziam ouvir as suas harmonias; em suma, era tudo festa, jubilo e regozijo. Até o próprio porteiro, quando voltou a fechar a porta, deu um pulo de contente, exclamando:

— Bravíssimo! Hoje é dia de atirar uma cana ao ar!

— Sim, como não atires a cabeça!... rosnou por entre os dentes o tio Paciência, indignado com o que estava presenciando.

Repetiam-se lá por dentro as manifestações de alegria, e o estrondo dos festejos, e o tio Paciência, que assistia àquele entusiasmo, continuava nestes termos o seu solilóquio:

— E esta!... Ainda me custa a acreditar o que por aqui vai com a chegada do marquês! Com que, passo toda a minha vida a sofrer com santa paciência os trabalhos e humilhações da terra, imaginando que no céu todos os homens são iguais, e que, por conseguinte, me verei aqui livre de todos os meus pesares e apoquentações, e no fim de contas, chego às portas do céu e recebo logo a prova mais irritante de desigualdade, que pode imaginar-se! Com que então, aqui, como na terra, a mim, porque sou um pobre sapateiro, fazem-me estar, como um espantalho, à espera na portaria, e ao marquês, só porque é marquês e rico, e por vir carregado de cruces e *calvários*, abrem-se-lhe, de par em par, as portas, e recebem-no com repiques de sinos, com foguetes, músicas, versos, e colchas de seda nas janelas!... Isto realmente é para fazer ferver o sangue nas veias a um santo!... Porém, paciência, snr. Paciência!... Se consigo afinal entrar lá para dentro, o que já me vai parecendo bem difícil, posso reputar-me feliz, porque ali deve passar-se divinamente, a julgar pelo pouco que vi, quando o velho deu passagem ao marquês, e pela baforada, que sai, quando abrem ou fecham a porta ou o postigo.

O barulho que este fez ao abrir-se, tirou o tio Paciência das suas meditações; fez-se ver a calva do porteiro, o qual vinha examinar se já havia gente reunida, à espera, na portaria.

— O que faz você aí? perguntou o porteiro, reparando no tio Paciência.

— Senhor, respondeu humildemente o tio Paciência, estava esperando...

— Se as lebres esperassem tanto!...

— Como o senhor não aparecia...

— Tem razão, tem... são tantas as coisas em que tenho que pensar, que de todo se me varreu da idéia... Eu vou já abrir, amigo. Ora!... mas porque não chamou por mim, homem de Deus?!...

— O senhor bem vê que... como sou um pobre sapateiro...

— Qual sapateiro, nem qual cabaça! aqui no céu todos os homens são iguais.

— Deveras?! exclamou o tio Paciência, dando um salto de alegria.

— Pois, então!... Não faltava mais nada senão andarmos aqui com categorias! Isso é bom lá para a terra! Vamos, entre cá para dentro.

O porteiro nem por isso abriu toda a porta, como quando entrou o marquês, mas o suficiente para que pudesse passar *um homem*. O tio Paciência acercou-se da cancela, lançou um relancear d'olhos lá para dentro, e deteve-se ali, dolorosamente surpreendido. As virgens não largavam a costura, nem os rapazes saíam da escola; não havia uma triste sineta que tocasse; os foguetes não rasgavam as nuvens; as músicas não deixavam ouvir as suas harmonias; nem sequer uma pobre colcha de chita adornava as janelas, nem tampouco as imprensas vomitavam versos!...

O porteiro, que não tinha nada de tolo, adivinhou o doloroso espanto do tio Paciência, e acudiu a desvanecê-lo, dizendo-lhe:

— Que quer isso dizer, homem? Então fica para aí pasmado, em vez de entrar cá para dentro?.

— Não me disse o senhor, ainda há pouco, que no céu todos os homens eram iguais?

— Disse, sim senhor, e daí?...

— Então... como é que ao marquês...

— Homem, você se não é tolo, parece-o! Pois não leu na sagrada escritura, que é mais fácil entrar um camelo pelo buraco de uma agulha do que um rico no céu?...

— Não, senhor, não sabia isso.

— Pois pode acreditar que é a pura verdade. Sapateiros, ferreiros, lavradores, mendigos, gente, em suma, farta de trabalhar e de padecer, chega aqui a todo o instante, e não temos que estranhar a sua chegada. Já outro tanto não acontece com os ricos e os fidalgos; passam-se séculos sem vermos o *focinho* a um figurão, como esse que veio hoje, de modo que, quando algum nos aparece por cá, anda tudo numa poeira! Ora, venha, ande lá para dentro, que já é tempo de descansar.

O tio Paciência transpôs o limiar da porta, e não podendo com a alegria, que o dominava, caiu de joelhos, e exclamou, erguendo as mãos para o Senhor, que saia ao seu encontro:

— Senhor! Bendito sejas vós, que dais a bem-aventurança eterna aos que padecem na terra!

O PRESTE JOÃO DAS ÍNDIAS

I

Não basta que os contos populares deleitem: é mister que, ao mesmo tempo que deleitam, ensinem.

Este que vou contar não sei se satisfará à primeira condição; a segunda porém, há de por certo preenchê-la, por isso que o leitor, que o levar a cabo, ficará sabendo quem era o Preste João das Índias, do qual todos falam, e pouquíssimos são os que o conhecem, a não ser de nome.

Pois, senhores, havia nas Índias um rei mui poderoso, cujo único sucessor direto era uma filha de três ou quatro anos. Como o monarca se sentisse muito mal, chamou todos os grandes do reino, e falou-lhes do seguinte modo:

— Ando tão adoentado, há tempos a esta parte, que milagre será não esticar a canela antes de oito dias, e confesso que essa partida tão repentina para o outro mundo, me penaliza em extremo, por quanto desejava deixar casada a minha augusta filha; e no entanto S. A. não passa por ora de um *comecilho*. Asseguro-vos que pouco me importa morrer, porque para morrer todos nós nascemos, e demais, tanto faz morrer hoje como amanhã; porém o que eu não queria era que a pequena se casasse para aí qualquer dia, em virtude de altas razões de estado, com um Príncipe, que não fosse muito do seu agrado.

— Senhor, lhe tornou um dos homens políticos mais importantes do reino, faz V. M. muito mal em estar a afligir-se com essas coisas. Quando a Princesa chegar à idade de tomar estado, há de casar-se com o Príncipe, que for mais do seu gosto; e se houver no reino quem se atreva a querer opor-se à libérrima escolha de S. A., esteja V. M. certo de que tem que se haver conosco.

— Ora, ora! Então cuidas tu que eu engulo essas *patranhas*? replicou o rei, traduzindo a sua incredulidade numa estrepitosa gargalhada. Nem que eu não soubesse o que são os partidos políticos! Aquele que então estiver no poder apresentará a minha filha o seu candidato, e a pobre pequena terá de se aguentar, não com o marido que mais for do seu gosto, mas sim com aquele que mais convier aos seus ministros, os quais, só por satisfazerem mesquinhos interesses de partido, serão capazes de a obrigar a casar ainda que seja com o mouro Musa.

— Mas, senhor, V. M. deve lembrar-se de que este país é um país essencialmente monárquico...

— Isso é bom de dizer! Não estamos nós vendo, todos os dias, homens políticos, que nos concedem, a nós os reis, até o direito divino, e que, se um belo dia lhe não agradamos, nos chegam, inclusivamente, a negar o direito de pessoas decentes!

— De acordo, mas é que esses são uns vilões que nunca deveram ter parte na luta dos partidos.

— Mas o grande caso é que a têm no gozo dos direitos constitucionais.

— Em suma, ordene V. M. o que lhe aprouver, e eu lhe assevero, que pode marchar tranquilo para o outro mundo, e sem o menor receio de que deixemos de cumprir rigorosamente as suas ordens.

— Pois bem, nesse caso escutai-me: quando minha augusta filha estiver em idade do tomar estado (e isso é coisa, que facilmente se conhece), deveis dar-lh'o a saber, tendo em vista todo aquele recato com que se deve falar dessas coisas a uma donzela; em seguida fareis apregoar por todas as nações do mundo, que a vossa rainha e senhora resolveu casar-se, e dará a sua mão ao Príncipe, que mais for do seu agrado.

— Até aí estamos bem; mas V. M. sabe que o mundo se divide principalmente em três religiões, a saber: a religião cristã, a maometana e a judaica. Devo portanto supor que V. M. terá já formado o seu juízo, acerca da religião a que deve de pertencer o seu augusto genro.

— Homem, francamente, ainda nem tal coisa me passou pela cabeça.

— Ah! pois isso é coisa muito séria!

— Vai-te daí com esses teus escrúpulos de freira! Vós todos sabeis que no meu reino não há religião alguma. A falar a verdade, já por vezes tenho pensado sobre se conviria ou não que a houvesse, porque há muito quem diga, que não pode haver sociedade sem o freio da religião; porém, no fim de contas, tenho acabado sempre por dizer cá para os meus botões: “deixar correr; quem me manda a mim meter a redentor? Que religião pode haver num país tão desmoralizado como este, onde todos os dias se manda gente à forca?! Vá uma pessoa introduzir aqui, por exemplo, a religião cristã, segundo a qual todos os homens são iguais: haviam de marchar bem as coisas, desde o momento em que os escravos, que tiram os coches, soubessem que valem tanto como os senhores, que vão dentro deles, mui *repimpados!*”

— Visto isso, entende V. M. que a melhor religião... é não ter religião nenhuma, não é verdade?

— Não digo isso, homem; nem tanto ao mar, nem tanto à terra. O que eu te digo é que não tenho querido quebrar demasiado a cabeça, pensando em coisas tão delicadas. Que escolha, minha augusta filha, marido do seu gosto, e ainda mesmo que seja perro judeu...

Assim terminou a conferência do rei com os próceres da república, e avisado andou S. M. em não a deixar para o dia seguinte, porque naquela mesma noite teve um ataque tão forte, que esticou a canela, sem ter tempo sequer para dizer “Jesus”.

II

Como era natural, apenas o rei morreu, levantou-se a questão da escolha de uma regência, que devia tomar as rédeas do governo, durante a menoridade de sua excelsa filha, e então é que foram elas!

Sobre se a regência devia ser de três, ou de um único estadista, e se este deveria ser Pedro ou Paulo, levantou-se tamanha tempestade, que ia tudo pelos ares. Por último optaram pela regência *una*, e por então terminou a contenda; porém os partidos políticos, para os quais ver os seus contrários no poleiro e ver o diabo é tudo uma e a mesma coisa, começaram novamente a tecer os pauzinhos. Era o regente um soldado destemido e honrado de uma vez; porém como homem de estado não passava de um *simplório*, que entendia tanto de governo como eu entendo de lagares de azeite; os seus inimigos, aproveitando-se da inépcia com que ele dirigia a política, não descansaram em quanto lhe não deram um pontapé, e o expulsaram do palácio.

Nomeou-se novo regente. Este então era um pássaro que cantava na mão, porém ao mesmo tempo, tão medroso, que apenas ouvia um tiro, era capaz de se meter cem braças pela terra abaixo; daí resultava que cada dia havia um pronunciamento.

Por efeito de um desses pronunciamentos, caiu o regente, e organizou-se então uma regência composta de três magnatas.

Até ali era um só a criar nichos para empregar os seus amigalhões, um só a querer enriquecer à custa da nação, um só a monopolizar os favores da jovem Princesa, e um só a governar mal; multipliquem agora esse um por três, e imaginem a poeira, que se levantou com a tal regência trina!

Conheceu finalmente a Princesa que estava em idade de casar-se, e correu voz, por todas as nações, de que ela punha a sua mão a *concurso* e a daria ao Príncipe, que mais lhe agradasse.

Os primeiros, que acudiram ao reclame, foram os judeus, os quais trajavam rica e vistosamente, e tinham o cuidado de fazer tinir bem o dinheiro diante da Princesa, supondo talvez, que o vil *metal* teria para ela tantos atrativos como para eles; e, enquanto os que iam à *mostra* faziam sua corte à Princesa, andavam os rabinos pelos cerros pedindo a Deus, que desse a algum dos da sua casta aquela boa pequena, que tão belo partido era.

Chegaram em seguida os maometanos, e era muito para se ver, tantos mouros montados em cavalos, mais ligeiros que o vento, escaramuçando e jogando canas, a ver se, assim, engodavam a Princesa.

Afinal apareceram os cristãos, que, com suas justas e torneios, e o seu porte cheio de garbo e gentileza, sabiam encantar o coração das donzelas.

— Então, em qual das três religiões escolhe V. M. marido? perguntou o presidente do conselho de ministros à rainha.

— Homem, nem sei o que te diga, respondeu a rainha. Bem se diz que quem tem que escolher tem que fazer. Se queres que te fale verdade, gosto de todos.

— Vamos, mas V. M. precisa decidir-se por um.

— Asseguro-te que sinto realmente deveras não poder decidir-me, sequer ao menos, por três. Olha, que entre os cristãos há alguns rapazes bem guapos!... mas entre os judeus e os mouros... não te digo nada!...

— Em suma, disse o presidente do conselho, isto não é sangria desatada; deixe-os V. M. penar, uns e outros, por espaço de alguns meses, e depois, então, poderá V. M. escolher, com perfeito conhecimento de causa; isto de escolha de marido é, para as raparigas, operação muito delicada...

O presidente do conselho teve a honra de que S. M. seguisse o seu parecer, e cristãos, maometanos e judeus, continuarem a fazer as suas *zumbaias* à real moça, cuja mão ambicionavam.

Chegou notícia a Roma do que se passava nas Índias, e o Padre Santo ordenou que se fizessem preces, para que Deus inspirasse a rainha afim de que casasse com um cristão, coisa que redundaria em glória e aumento da cristandade.

Havia naquele tempo em Roma um Preste ou sacerdote, ainda moço, conhecido pelo nome de Preste João, o qual era a admiração de toda a gente, em razão do seu saber e virtudes, zelo religioso e galhardia.

O Preste João apresentou-se ao Padre Santo, e disse-lhe:

— Santíssimo Padre, o que se está passando nas Índias é, quanto a mim, coisa mais seria, do que parece, à primeira vista. Aquilo é um país desgraçado, onde ninguém crê em Deus, nem em Santa Maria; onde todos são ímpios e ateus. Se a rainha se casa com algum perro judio, estamos bem aviados; vai tudo para o diabo. Se porém a rainha der a mão de esposa a um cristão, corto a cabeça, se todos os índios, dentro em poucos anos, não forem tão cristãos como nós. Posto isto, vou pedir uma graça a Vossa Santidade.

— Se for coisa que eu possa conceder-te...

— Que V. S. me deixe ir às Índias, para ver se faço entrar aquela gente no bom caminho.

— Estás servido, filho; podes partir quando quiseres.

— Pois, nesse caso, vou imediatamente tirar passaporte.

— Toma cuidado, filho; vê lá que esses infiéis te não preguem alguma peça... particularmente os judeus...

— Isso não me mete medo, que por muito que saibam, sempre hei de saber mais do que eles.

— Pois vai na graça de Deus, e leva contigo a minha benção paternal.

— Graças, Santíssimo Padre!

Foi dito e feito; o Preste João, acompanhado de um luzidíssimo séquito de sacerdotes, em cujo número se contavam os melhores cantores de Roma, e munido de riquíssimos paramentos e decorações de igreja, inclusive um órgão, que era o melhor que, até então, se tinha visto naquele gênero, tomou o caminho das Índias.

Felizmente os ingleses não eram, naquela época, tão filantrópicos, como o são agora, do contrário não teriam deixado de lhe armar alguma ratoeira, na idéia em que estão, de que, para civilizar os cipaiois, são mais eloquentes os seus canhões, carregados de metralha, do que os hissopes dos missionários católicos, ensopados em água benta.

III

Os judeus e os mouros souberam que o Preste João se dirigia para as Índias, e estavam atrapalhados da sua vida, porque havia muito tempo que a fama

trombeteira lhes tinha levado notícia do saber, da virtude, do zelo religioso, e da extremada galhardia do Preste João.

Chegou este, afinal, com o seu séquito, e a rainha ficou enamorada da graciosa dignidade, com que ele a saudou, a ponto de não poder ter mão em si, que não dissesse, baixinho, ao presidente do conselho:

— Olha que este cristão não é *nenhuma asneira!*...

Vendo o Preste João a rainha mui bem disposta em seu favor, aproximou-se de S. M., e disse-lhe:

— Senhora, vejo que V. M. vacila sobre se há de casar-se com um cristão, com um mouro, ou com um judeu. Creia V. M. que a religião de Cristo é a única verdadeira, grande e salvadora, e que as outras são umas *religiõesitas de três ao vintém*, que nem com cem varas chegariam ao céu, de onde procede, e onde apóia sua augusta fronte o cristianismo. E se V. M. se quer certificar de que isto que lhe digo é a pura verdade, não tem mais que ordenar, que nos reunamos, na sua presença, judeus, maometanos, e cristãos, a fim de discutirmos qual das três religiões é a melhor, e, sobre tudo, qual é aquela, que mais favorece as mulheres, pois essa é a grande questão, nas circunstâncias atuais.

— Com muito gosto; não tenho a menor duvida em aceder aos teus desejos, respondeu a rainha. Amanhã apresentar-vos-eis todos diante de mim, e veremos, então, quem é que leva a melhor.

Com efeito, no dia seguinte, estava a rainha sentada no seu trono, e as três religiões, representadas pelo Preste João, e pelos judeus e maometanos mais sábios, dispostos a discutir na sua presença.

— Está aberta a sessão, disse a rainha. E como era o Preste João quem tinha provocado aquele certame, devia considerar-se como o primeiro, e por esse motivo que pedira a palavra, a rainha acrescentou: “Tem a palavra o Preste João.”

Os judeus e os mouros começaram logo a murmurar, acusando de parcial a augusta presidente; esta porém fê-los entrar na ordem, a poder de muitas razões, e toques de campainha.

— Senhores, disse o Preste João, trata-se de orientar a S. M. acerca de um assunto mui grave, qual é a escolha do homem a quem, de preferência, deve ligar o seu futuro. Ora, o que mais interessa a S. M., é saber o que mais lhe convém, se um marido cristão, se maometano, ou judeu; quanto a mim a questão está resolvida, para S. M., desde o momento em que esta augusta senhora, ou para melhor dizer, *senhorita*, souber qual é das três religiões

aquela, que mais protege e favorece os fracos em geral, e a mulher, em particular.

“Comecemos pela religião judaica.

“A mulher, no povo de Israel, era escrava submissa do homem, e não sua companheira. Quase nas primeiras páginas, nos testemunha isso o velho Testamento, pois nos diz que Abraão, marido de Sara, recebeu Agar por mulher, ainda em vida da primeira, e logo adiante nos conta que Esaú casou, ao mesmo tempo, com duas irmãs cananéias. O Decálogo, revelado mais tarde a Moisés, no alto do Sinai, dizia: “não desejarás a mulher do teu próximo”; mas não dizia: “terás uma única mulher”, e Salomão, que era o protótipo da sabedoria hebraica, teve milhares de concubinas. Pergunto eu agora a S. M. se está disposta a sofrer que o seu futuro marido lhe dê uma, ou mais substitutas?!

— Substitutas! a mim!... exclamou a rainha indignada. Tenho bom gênio para isso! Mais fácil seria enterrarem-me viva!

— Pois eu continuo....

Aqui interrompem os judeus o orador, descontentes do caminho que leva a sua causa; a rainha porém fá-los entrar na ordem, à custa de repetidos toques de campainha, e com ameaça de os fazer expulsar do salão.

O orador continua:

— Ficarei por aqui a respeito de judeus, os quais, em verdade, me causam dó, ainda que não seja senão por os ver condenados a esperar o Messias, até à consumação dos séculos; com isso já não estão mal castigados por haverem crucificado a Cristo, porque lá diz o rifão: “quem espera, desespera”. Passemos agora aos maometanos. Quem era o tal Mafoma?

— O profeta de Deus! exclamam os maometanos, pondo a mão no peito, e dobrando-se reverentemente.

— Qual profeta, nem qual cabaça!...

Aqui é que foram elas! Dizer isto o Preste João, e arrancarem os *mouraços dos chanfalhos*, rugindo de cólera, foi tudo obra de um momento; a rainha porém sacudiu a campainha, mandou entrar o piquete da guarda, e graças a esta energia da presidência, acomodaram-se os perturbadores da ordem, e o orador pôde, afinal, continuar:

— Mafoma era um *sujeito* que passava por sábio e grande, entre os seus compatriotas, pela razão muito simples de que na terra dos cegos, quem tem

um olho é rei! Um dia, disse ele com os seus botões: Como hei de eu arranjar a dominar estes *barbaças*, que não tratam senão de se divertir com as moças?... como?... esperem lá... já sei. Engendro-lhes uma religião baseada no grosseiro sensualismo, e meto-lhes na cabeça, que ela me foi revelada por um anjo.” E dito e feito: arranjou o tal *alcorão*, segundo o qual, a mulher e o cavalo vem a ser, para o homem, uma e a mesma coisa, por isso que apenas servem para o divertir; e fez acreditar aos asnos dos seus compatriotas, que, no outro mundo, haviam de encontrar moças às dúzias, e obra desenganada.

— E é que as havemos de encontrar! gritam furiosos os maometanos.

— Deixemos-nos de lerias!... que não de vocês encontrar?! Só se forem alguns tições, que outra coisa não podem lá achar uns bárbaros como vocês, que atravessam séculos e séculos, sem dar um passo na senda do progresso! Vamos porém agora a ver o que é a mulher, segundo a religião estúpida de Mafoma.

— Lancem-se essas palavras na ata! gritam, afogados em cólera, os maometanos.

— Não é da minha real vontade! responde a rainha. Prossiga o orador no seu discurso, que eu cá estou para lhe manter o uso da palavra.

— Pois bem, eu continuo: É para cortar o coração, e fazer cair a alma aos pés, a maneira como a mulher é tratada pelos muçulmanos. Não se contentam estes senhores com ter duas ou três mulheres; possuem centos delas, encerradas em cárceres, a que dão o nome de serralhos, ou haréns. Atravessa a gente as cidades mais populosas da Turquia, e não encontra uma mulher sequer para um remédio; e isto porque esses bárbaros até as privam do ar e do sol, as duas coisas mais preciosas, que a natureza concede à criatura. Horror! cem vezes horror!! Negarem à mulher, esse formoso ser, todo amor e ternura, a quem todos nós temos dado o dulcíssimo nome de mãe, o ar e o sol, que não negam aos mais imundos irracionais! Maldição sobre essa lei ímpia, sobre o falso profeta, que a ditou, e sobre o povo bárbaro e fanático, que a segue!

— Ah! perro cristão!... gritam, a um tempo, todos os muçulmanos, ao ouvir a enérgica apostrofe do Preste João; e, rugindo de raiva, mais furiosos ainda do que da primeira vez, lançam mão dos alfanjes, com ameaça de acabar tragicamente com a discussão; a rainha porém, mandou entrar novamente o piquete da guarda, que os desarmou e os meteu na ordem, a poder de muita coronhada de armas.

Apaziguada que foi aquela rusga, continuou o Preste João o seu discurso:

— Que diferença entre o que a mulher deve à religião cristã, e o que deve a qualquer das duas religiões, maometana e hebraica! Maria, em cujas entranhas

encarnou o Verbo Divino, senta-se, no céu, ao lado do Filho de Deus, e juntamente com Jesus, lhe dão os homens o dulcíssimo e santo nome de mãe. A religião cristã glorifica a mulher, destinando-a a esmagar a cabeça da serpente do pecado, e Jesus proclama a igualdade de todas as criaturas humanas, e diz aos meninos que se acerquem dele, igualando, por tal forma, a mulher ao homem, e exaltando os fracos em cujo número se conta a mulher. É pois a religião cristã a única que favorece a mulher; é aquela que a emancipa da escravidão e do opróbrio, a que a condenam as religiões judaica e maometana. Tenho dito; veremos agora se há aí alguém, que seja capaz de me contradizer.

— Tem a palavra os judeus, disse a augusta presidente.

— A religião de Moisés, replicou um rabino, já completamente desanimado, não carece de entrar em discussões, para provar a sua superioridade sobre todas as outras.

— Ficamos *inteirados!* disse a rainha, e acrescentou: Tem a palavra os doutores muçulmanos.

— Nós *cá*, os verdadeiros crentes, exclamou um turco, não discutimos senão de alfanje em punho.

— Quer isso dizer, à bruta! exclamou a rainha indignada; e erguendo-se da cadeira, acrescentou: estando já a hora mui adiantada, e não havendo mais assuntos a tratar, está levantada a sessão.

IV

Ficou a rainha quase resolvida a casar com um cristão; porém, receosa de que houvessem murmurações e comentários que lhe fossem desagradáveis, lembrando-se de que alguém poderia dizer que ela obrara levianamente, determinou-se a tentar uma outra prova. Consistia essa prova em fazer com que os apóstolos das três religiões celebrassem, na sua presença, uma das cerimônias mais importantes dos ritos que professavam.

Cristãos, muçulmanos e judeus, todos, com muito gosto, aceitaram a proposta de S. M., que logo fixou o dia para as cerimônias, que deviam verificar-se no mesmo salão, onde se tinha discutido qual era das três religiões aquela a que mais devia a mulher.

Os primeiros que saíram a terreiro foram os maometanos, os quais anunciaram que iam executar a *Zala*.

Tinha a rainha grande curiosidade de presenciar esta cerimônia, que julgava ser magnífica, e que muito a divertiria; quando porém viu que a tal *Zala* consistia tão somente em cruzarem aqueles *ratões* as mãos no peito, e fazerem reverências e mais reverências, ficou mais fria que o próprio gelo.

— Muito engraçados são os tais *moirinhos*! disse S. M., com riso desfrutador; e ordenou, em seguida, que saíssem a campo os judeus, a ver que tal se portavam.

O grande rabino, com o seu barrete *enterrado* até às orelhas, como usam os seus correligionários, sacou de um livro, e imediatamente apareceram todos os judeus com os seus ripanços nas mãos. Ora, os tais livros seriam muito edificantes, mas tinham tanta côdea, que só com uma tenaz se lhes poderia pegar. O rabino principiou a entoar um salmo, e todos os judeus o acompanharam; cantavam porém tão desentoadamente, e davam tão insofríveis berros, que a pobre da rainha não teve outro remédio senão tapar os ouvidos, e mandar a toda a pressa que cessasse tamanha algaravia.

Cessou com efeito, e os cristãos dispuseram-se, por último, a celebrar o santo sacrifício da missa, para o que o Preste João tinha tudo perfeitamente ordenado.

Colocaram no salão um magnífico altar, acenderam uma grande quantidade de tochas, que faziam belíssima vista; puseram o órgão num sítio, que tinha excelentes condições acústicas, tossiram e *aguçaram o pigarro* os cantores que haviam de officiar a missa, e que, como em princípio dissemos, eram os melhores de Roma; e, em seguida, subiu o Preste João ao altar, magnificamente revestido, bem como os dois acólitos, que o acompanhavam. A missa foi soleníssima, e tanto os celebrantes, como os cantores e o organista fizeram prodígios, que deixaram de boca aberta a rainha e a sua corte.

Os maometanos e os judeus olharam uns para os outros, e disseram por entre os dentes:

— Derrotaram-nos em tudo e por tudo estes perros cristãos!

E na verdade não se enganaram, porque a rainha chamou, pouco depois, o Preste João, e disse-lhe:

— Decididamente caso com um cristão.

— Louvado seja o Senhor! exclamou o Preste João, cheio de santa alegria. Agora só falta que V. M. escolha o cristão, que deve ter a ventura de ocupar o tálamo de tão formosa Princesa.

— Já está escolhido, disse a rainha das Índias, fazendo-se corada como uma romã.

— E quem é esse feliz mortal?

— Tu.

— Eu!... V. M. não está em seu juízo!

— Então! faz-te agora de manto de seda!...

— Não, senhora; porém não sabe V. M. que eu sou padre, e que os padres católicos não podem casar?...

— Que me dizes, homem?

— Digo-lhe isto, real senhora!

— Pois, amigo; partiste-me o coração!

— Então, porque?

— Porque estou apaixonada por ti, e se não casar contigo, não caso com ninguém.

— Mas, senhora, entre os meus correligionários há moços mais bem parecidos do que eu.

— Asseguro-te que nenhum me pode agradar tanto como tu.

— Sinto isso bem; mas eu é que não posso casar.

— Visto isso, não terei outro remédio, senão dar a mão de esposa a algum desses mouros... que... diga-se a verdade, entre eles há rapazes bem *tirados das canelas*, e o que me não agrada neles é apenas a religião, que professam...

Quando o Preste João ouviu estas palavras, tremeu dos pés à cabeça, pensando, e com razão, que, pelo fato de a rainha casar com um maometano, todas as Índias, povoadas de milhões e milhões de habitantes, abraçariam a seita detestável de Mafoma, ao passo que, se casasse com um cristão, toda aquela gente seguiria a religião de Cristo.

— Senhora, disse ele, por fim, à rainha, pode ser que consigamos harmonizar tudo. O Papa, que é o Vigário de Cristo na terra, é o único que pode autorizar-me a casar com V. M. Vou já escrever-lhe, pelo correio de hoje, pedindo-lhe a competente licença.

— Oh! que feliz idéia! exclamou a rainha; e riam-se-lhe os olhos, de contente. Bem digo eu que és um rapaz de muitos recursos!

O Preste João pôs logo mãos à obra; escreveu ao Papa, contando-lhe, muito pelo miúdo, o que se passava, e, na *volta do correio*, recebeu de Sua Santidade a dispensa para casar com a rainha das Índias.

Celebraram-se, pouco tempo depois, as vodas, com grandes festas e muito regozijo (bem entendido, depois da rainha se ter feito cristã) e, passados anos, recebiam o batismo todos esses milhões de milhões de índios, que os ingleses, nos nossos dias, se fartaram de metralhar, sem dó, nem piedade.

Eis-aí a história do Preste João das Índias. Outros a contarão com mais graça do que eu, porém com melhor intenção por certo que ninguém a conta.